



OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

Publicação quadrimestral da Sociedade Teosófica de Portugal

MAIO - AGOSTO 2016, N.º 29 ISSN 0873 - 0814



DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

A Sociedade Teosófica é composta por estudantes que pertencem a qualquer religião no mundo, ou a nenhuma, que estão unidos pela aceitação dos Objetivos da Sociedade, pela vontade de remover os antagonismos religiosos e de aproximar os homens de boa vontade, independentemente das suas opiniões religiosas, e pelo desejo de estudar as verdades religiosas e de partilhar os resultados dos seus estudos com os outros. O seu vínculo de união não é professar uma crença comum, mas uma busca comum e a aspiração pela Verdade. Eles sustentam que a Verdade deve ser procurada pelo estudo, pela reflexão, pela pureza de vida, pela devoção aos ideais elevados, e consideram a Verdade como uma recompensa a ser alcançada pela força da vontade, e não como um dogma a ser imposto pela autoridade. Eles consideram que a crença deve ser o resultado do estudo individual ou da intuição, e não a sua premissa, e deve fundamentar-se no conhecimento, não na alegação. A todos, eles estendem a sua tolerância, mesmo aos intolerantes, não como um privilégio por eles conferido, mas como um dever que desempenham, procurando eliminar a ignorância, e não puni-la. Eles veem qualquer religião como uma expressão da Sabedoria Divina e preferem o seu estudo ao invés da sua censura, e a sua prática ao invés do proselitismo. A Paz é o seu lema, assim como a Verdade é o seu objetivo.

A Teosofia é o corpo de verdades que constitui a base de todas as religiões, e que não podem ser reivindicadas como propriedade exclusiva de nenhuma religião. A Teosofia oferece uma filosofia que torna a vida inteligível, e que demonstra a justiça e o amor que guiam a sua evolução. A Teosofia coloca a morte no seu devido lugar, como um incidente recorrente numa vida sem fim, abrindo a porta para uma existência mais plena e radiante. A Teosofia restitui ao mundo a Ciência do Espírito, ensinando o homem a conhecer o Espírito como ele mesmo, e a mente e o corpo como seus servos. A Teosofia ilumina as escrituras e as doutrinas das religiões, desvendando os seus significados ocultos e, desta forma, justificando-as à luz da inteligência uma vez que elas são sempre justificadas aos olhos da intuição.

Os Membros da Sociedade Teosófica estudam essas verdades e os Teósofos esforçam-se por vivê-las. Todo aquele que estiver disposto a estudar, a ser tolerante, a desejar o mais elevado e a trabalhar com perseverança, é bem-vindo como membro e dele dependerá poder tornar-se um verdadeiro Teósofo.

in The Theosophist

OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

MAIO - AGOSTO 2016, N.º 29

Periodicidade quadrimestral

ISSN: 0873-0814

Depósito legal: 88327/95

S.R.I.P. 100 777 STP

Tiragem: 200 Exemplares

Propriedade: Sociedade Teosófica de Portugal

Rua José Estevão 10 B,

1150-202 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt

geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt

Tel.: 21 353 47 50

NIF: 501 465 215

Director: Ana Maria Coelho de Sousa

Colaboradores: António Roque, Carlos

Guerra, Maria João Bandeira, Rosa Duarte.

A S.T.P. é responsável pelas notícias oficiais publicadas nesta revista. Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Impressão: Gráfica Eborense, Sociedade

Instrutiva Regional Eborense, S.A.

Rua da Misericórdia 9-13, Apartado 28,

7002-501 Évora

Capa: perspetiva do Blavatsky Bungalow e da Árvore Banyan, na sede da Sociedade Teosófica em Adyar.



SUMÁRIO

Editorial

MAIO - AGOSTO 2016

Editorial

Ana Maria Coelho de Sousa 1

Sobre o Medo

Tim Boyd 3

A Teosofia no Mundo de Hoje

John Vorstermans 8

A Melhor Vida Humana
Promove a Evolução

Eneida E. Carbonell 12

A Neurofisiologia da Compaixão

José Foglia 18

O Valor do Compromisso

Joy Mills 25

A Tecnologia no Mundo Atual –
Perspetivas Teosóficas

Fernando Coelho de Sousa 28

Notícias da S.T.P.

Carlos Guerra 32

O princípio mais fundamental da filosofia teosófica é o conceito de unidade de toda a vida. A unidade, ou unicidade, é o próprio coração da Teosofia e este coração (que é o propósito essencial da Sociedade Teosófica) é a fraternidade. De um lado, a unidade de toda a vida e, do outro, a fraternidade.

A Teosofia, enquanto doutrina entendida pelo mental, não pode mudar nem o mundo nem aqueles que leem a sua literatura. A atividade mental profusa é a causa dos problemas incessantes que o mundo inteiro suporta. Os sintomas da presente condição patológica da humanidade são numerosos, mas o mais alarmante do nosso tempo é uma total falta de interesse pela bondade. Descobrir o EU estabelecido no coração (que é o estado no qual o mental, o coração e os sentidos se fundem e agem como um) é o amor. A Teosofia do mental e do coração é o amor em ação.

O trabalho da Sociedade Teosófica de Portugal (S.T.P.) só pode avançar na base de uma compreensão livre e individual. Cada um deve chegar ele mesmo à compreensão da sabedoria divina nas profundezas da sua natureza. Esta compreensão deve resultar de um estado de espírito e de coração que seja recetivo à Verdade, livre de tudo aquilo que nos poderá impedir de a receber. Há certas coisas que só se podem saber em si mesmo e não graças a um livro ou a uma outra pessoa. O melhor meio de comunicar a mensagem da sabedoria divina ao mundo é vivê-la.

A verdadeira Teosofia é o altruísmo. É o amor fraternal, a ajuda mútua, a dedicação inabalável à verdade.

A Teosofia no futuro é esta tomada de contacto interior com a origem viva das grandes verdades dadas ao mundo, a qual permitirá o nosso crescimento

em sabedoria e a transformação total das nossas vidas.

Não temos sido capazes de explicar ao público as ideias teosóficas nucleares em palavras simples de tal modo que reconheça a sua universalidade, as adote de imediato e comece a utilizá-las na sua vida. O melhor meio para mostrar o valor prático da Teosofia é vivê-la, ser Teosofia. Se formos uma expressão viva de compaixão, os nossos semelhantes notá-lo-ão e questionar-se-ão a propósito.

As doutrinas teosóficas formam os fundamentos lógicos da compaixão pois mostram que o Universo é construído por Amor impessoal. O Amor é o cimento do Universo.

Que a Teosofia não seja uma teoria, mas uma doutrina prática aplicável a todos os problemas e uma inspiração para a compaixão por todos.

Ana Maria Coelho de Sousa

Para servir o mundo, a Teosofia deve ser prática, tal como espiritual. Deve ser uma filosofia que transforma cada atividade da vida, todos os domínios das nossas vidas. Deveria tornar-nos capazes de produzir um impacto no mundo. Como membros da Sociedade Teosófica, deveríamos estar séria e profundamente empenhados em tudo isso; os nossos estudos e a nossa conduta não devem estar apenas ao serviço da nossa satisfação mas, através deles, deveríamos proporcionar qualquer coisa de verdadeiramente bom aos nossos companheiros.

Radha Burnier
In: No Other Path to Go

Sobre o Medo

TIM BOYD

E Um dos conceitos fundamentais da tradição da Sabedoria Eterna está relacionado com a natureza multidimensional do universo e de nós próprios enquanto indivíduos – é um facto que funcionamos simultaneamente em muitos níveis. O âmbito da consciência que nos habita e o ambiente que nos rodeia não têm limites – desde os aspetos aparentes e inconscientes do nosso ser até à mais elevada consciência divina, tudo está continuamente presente em qualquer momento e forma o âmago do nosso ser. Se examinarmos este conceito mais profundamente, verificaremos que a dimensão mais poderosa do nosso ser é a parte à qual parece termos menos acesso em cada momento. O aspeto mais superior da nossa natureza é o que está mais oculto. Existem termos e nomes que utilizamos para o descrever – Eu Superior, alma, Centelha Divina, Ego, individualidade, Atma-Buddhi-Manas. Quando este aspeto superior do nosso ser tem maior predominância nas nossas vidas, algumas das qualidades que parecem surgir são a paz, o amor, a compaixão e a sabedoria.

Com muita beleza, o poeta Alfred Tennyson descreve a proximidade e a permanência contínua deste eu superior, da seguinte forma:

*Fala-Lhe tu, pois Ele escuta,
E o Espírito encontra o Espírito –
Ele está mais próximo que a respiração,
E mais perto que as mãos e os pés.*

À medida que o tempo passa, tornamo-nos conscientes de que isto não é algo que alguém tenha criado como se se tratasse de uma ficção. Disto, temos vislumbres nas nossas próprias experiências desta natureza mais profunda. Quando esta consciencialização passa de um mero conceito para o nível de verdadeira experiência, enfrentamos um problema. Ao olharmos para o mundo habitado por biliões de pessoas iguais a nós, em que cada uma é habitada por essa mesma Centelha Divina, verificamos que existe um abismo entre a natureza superior e o nosso comportamento habitual. Vemos guerras, fome, desequilíbrio económico, um sem fim de problemas criados pelo egoísmo do homem. Até mesmo nas nossas vidas individuais encontramos estas contradições.

Assim, somos obrigados a perguntar não só se de facto este elemento Superior é o âmago e a base de todo o ser, mas também o que explica o nosso próprio comportamento, quando interagimos com os outros e com o mundo que nos rodeia. É uma questão importante. Uma das coisas que H. P. Blavatsky escreveu está relacionado com esta questão: ‘Seja qual for o plano

em que a nossa consciência esteja a agir, tanto nós como as coisas pertencentes a esse plano são, nesse momento, as únicas realidades. Por exemplo, um peixe na água está rodeado por criaturas marinhas, vive num meio aquático, e não tem conhecimento ou interação com os pássaros que voam no ar ou com as pessoas que andam na terra.

O mesmo exemplo foi dado para a nossa consciência enquanto indivíduos. Um ladrão, cujas consciência e atenção estão focadas no roubo, pode olhar para um homem santo e tudo o que consegue ver é a sua carteira ou o saco ao ombro, encarando isso como uma oportunidade para roubar. Para um mentiroso, o mundo é desonesto. Para um santo, cada ser, seja uma pessoa santa, um criminoso, um pedinte, um sacerdote ou um negociante, cada ser e cada coisa são sagrados devido ao plano de consciência em que ele funciona.

Sófocles, um grande pensador grego, disse uma vez algo que se refere ao mesmo conceito: ‘Para aquele que vive com medo, há roubo por todo o lado’; tudo se move e tudo é fonte de medo. Podemos imaginar uma pessoa assustada a andar numa rua, à noite, já tarde, e qualquer som surge na sua mente como um aviso de perigo eminente. A emoção comum do medo é partilhada por todos. Isto é algo que influencia a vida e o comportamento de todos em algum momento. Para muitos, o medo pode ser como que uma ‘sombra que nunca desaparece’.

Algumas pessoas dizem que existem apenas quatro emoções – tristeza, alegria, zanga e medo – e que tudo o resto não é mais do que a mistura destas quatro emoções básicas. O medo é uma das emoções

fulcrais com uma forma de surgir e aparecer na nossa consciência nos momentos em que nos sentimos ameaçados e em perigo. Dependendo da pessoa, a lista de coisas passíveis de causar estes medos é longa. Para alguns, as aranhas poderão levá-los a sair do quarto a gritar e a chorar. Cobras, ratos, trovoadas, etc., são exemplos comuns, embora também tenhamos a mesma resposta emocional a outras coisas. Muitos têm pavor de enfrentar os outros e expressar-se acerca do que pensam ou daquilo em que acreditam. O receio da rejeição por parte dos outros é um medo muito forte. Muitos outros têm medo da morte.

Sentimos estes medos no momento, contudo, somos mentalmente capazes de os projetar no futuro, de modo que podemos estar num estado de constante pavor de coisas que nunca aconteceram nem virão a acontecer. Com frequência sucumbimos a este estado. Como em muitos outros estados emocionais, o problema é que não se trata de algo que esteja isolado apenas num plano da nossa consciência. Uma emoção forte possui uma qualidade penetrante que também desce até aos nossos corpos físicos e às nossas mentes. De um ponto de vista fisiológico, no momento em que o medo surge começam a acontecer reações no corpo. O termo usado como resposta é ‘luta ou fuge’. Perante uma ameaça imaginária ou real, os nossos corpos começam a preparar-se para uma resposta ou para a outra. Com o surgimento do medo são libertadas hormonas no corpo; as pessoas começam a transpirar, os corações batem apressados, os músculos tornam-se tensos, o açúcar aumenta no sangue – tudo em

preparação para a imaginada luta ou fuga.

Na nossa literatura teosófica temos descrições clarividentes de formas-pensamento criadas por uma mente amedrontada. Quando são descritas ou representadas, predomina sempre um tom cinzento nestas formas-pensamento. As cores vivas associadas ao amor ou a alguma emoção decisiva estão ausentes. Os clarividentes também descrevem a aura da pessoa amedrontada como ‘embotada’ com um metal cinzento que impede a entrada e a saída de energias superiores. O estado de medo possui a tendência natural de enclausurar a pessoa numa experiência de isolamento. O medo pode também contaminar os outros. O medo é contagioso.

Ao longo das Cartas dos Mahatmas, repetidamente, encontramos advertências ou conselhos como ‘não tenhais medo’ ou ‘nunca temais’. Nas traduções de escrituras de todo o mundo encontramos muitos exemplos, nos quais a mesma palavra ‘medo’ é usada para descrever uma ordem superior de ser. Não é usada para descrever a nossa reação pessoal às cobras, e assim por diante, mas para descrever uma dimensão completamente superior de compreensão. Na Bíblia existe uma afirmação que exige alguma reflexão: ‘O receio do Senhor é o início da sabedoria’. É uma afirmação estranha, porque se está a falar de algo bem diferente do sentido normal do medo que experimentamos quando somos ameaçados.

De modo semelhante, num dos capítulos do Bhagavadgītā, Arjuna pede a Krishna que revele a sua forma universal. Até aquele momento, Arjuna encontrava Krishna no corpo físico como seu cocheiro

e conselheiro, mas naquele momento ele soube que Krishna não era mais do que a corporização do Divino e pediu-lhe esta dádiva – que lhe fosse permitido ver Krishna na sua verdadeira forma. Krishna respondeu, afirmando que nunca ninguém havia visto essa forma, mas o Karma de Arjuna era tal que lhe seria permitido vê-la. Aquilo que Arjuna viu pôs-lhe os cabelos em pé. Primeiro viu o corpo de Krishna com bocas em todos os lados e todas as coisas vivas voavam, de todas as direções. e eram devoradas. Tinha olhos em todas as direções e era tão brilhante que incendiava universos. O efeito desta visão em Arjuna foi tão profundo que ele ficou cheio de ‘medo’. A visão era demasiada para ele poder suportá-la, de forma que pediu a Krishna para regressar à sua forma anterior, porque a verdadeira era avassaladora.

A palavra usada no Bhagavadgītā para descrever o estado de maravilhamento, de encanto, de espanto, sentido por Arjuna foi a palavra ‘medo’. Este género de medo resulta do reconhecimento que aponta para a nossa extrema insignificância enquanto indivíduos, do reconhecimento que existimos dentro de algo tão imenso e que tudo integra. Talvez provoque medo constatar que a realidade do nosso potencial atual é ilimitado. Este é um medo superior, não medo no sentido comum, mas uma qualidade que possui grande potencial para nossa exploração.

Então, que fazemos nós? Existe uma expressão que diz o seguinte: ‘A doença que está escondida não pode ser curada’. Começar por perceber que existe um determinado estado é o início da sua cura.

A tomada de consciência deste processo e de como ele opera em nós é um começo – a sua denominação e reconhecimento é um começo. Quando um doente vai ao médico, a primeira coisa que este faz é examinar, diagnosticar e dar um nome à doença. Depois, poderá prescrever comprimidos, mas qualquer bom médico também aconselhará mudanças na dieta do doente. Num outro nível poderá sugerir exercícios e será sugerido, num outro nível ainda, que o doente possa necessitar de fazer algumas leituras que elevem os seus pensamentos, ou que se empenhe na oração ou na meditação.

Poder-se-ia adotar uma abordagem semelhante, com muitos níveis, ao lidar-se com o medo, mas provavelmente a melhor abordagem será aquela que se dirige à causa. Uma das formas como a nossa condição e o estado normal da mente tem sido descrita é que funcionarmos a partir da ideia falsa de que, de certa maneira, estamos separados, não só uns dos outros, como também da fonte Divina que em tudo habita. O que é isso que aponta para esse estado mental que parece carregarmos?

Durante a vida de H.P.B., ela falou muito acerca da meditação, mas disse pouco em termos da direção relativa à forma como meditar. Em 1888, três anos antes do seu falecimento, H.P.B. ditou um Diagrama da Meditação, a um dos seus estudantes ingleses. Este diagrama é profundo e possui uma ampla aplicação, especialmente para a mente que se sente emparedada e dividida em estados de amedrontamento.

O seu foco é sobre a Unidade. De facto começa por dizer: ‘Primeiro concebi a

UNIDADE através da expansão no espaço e através da infinitude no Tempo’. A primeira coisa que H.P.B. aconselha é tentar conceber a Unidade. Está claro que é impossível. A unidade não pode ser um conceito, não pode ser entendida pela mente, mas H.P.B. impele-nos a começar por essa tentativa.

Depois, apresenta formas muito específicas sobre como direcionarmos a nossa atenção na meditação. Devemos começar por direcionar a nossa atenção para certas ‘Privações’, isto é, a ‘recusa constante em pensar na realidade de’ cinco coisas: (1) separações e encontros – espécie de coisas que acontecem a toda a hora; (2) a distinção entre amigos e inimigos – aqueles por quem nos sentimos atraídos ou repelidos; (3) posses; (4) personalidade e (5) sensações. Todas as coisas a que prestamos atenção e que tendem a isolar-nos, no sentido em que ‘estas são minhas’ ou ‘estas são as minhas qualidades’, ou ‘estas são as coisas que me tornam diferente e à parte’. Temos de impedir a corrente mental de atribuir realidade a estas coisas. H.P.B. acrescenta que o culminar desta via de meditação será a compreensão de que ‘não tenho atributos’. Não existem qualidades que dividam a minha consciência; não existem identidades que nos separem dos outros; nenhuma destas coisas existe. Esta é a primeira parte deste processo. Esta é a via negativa, ou caminho da negação – *neti neti*, em Sânscrito.

H.P.B. continua a falar sobre o outro lado deste processo, que descreve como ‘Aquisições’. Existe um certo estado mental que devemos ‘adquirir’, neste caso através da meditação em três elementos: (1) uma

Presença Perpétua na imaginação em todo o espaço e todo o tempo – um esforço contínuo para nos imaginarmos como estando universalmente presentes em todo o espaço e todo o tempo – o que é extremamente difícil. Obviamente, qualquer esforço nesta direção tem o efeito de reduzir as limitações da personalidade. Diz H.P.B. que meditar deste modo tem o efeito de desenvolver um estado prévio de consciência que opera mesmo quando estamos a dormir. Por conseguinte, mesmo nos sonhos, este estado mental permanece ativo. Acrescenta que a coragem se torna a característica pessoal que acompanha este caminho e, assim, não se sente medo ao enfrentar os vários perigos e provações que se atravessam na nossa vida. (2) A segunda aquisição que surge na sua lista é a tentativa constante de uma atitude mental para com todas as coisas

que não é amor, ódio ou indiferença – um estado de equanimidade que olha para tudo como igual. Não há divisão entre melhor, maior, aqueles que amamos ou aqueles que rejeitamos. (3) O terceiro aspeto de que fala é a mente que considera tudo o que existe como sendo apenas uma expressão de limitação. H.P.B. sugere estes três elementos como um curativo ou medicamento para os vários males que surgem desta heresia da separatividade, entre os quais se encontra o medo. Estas aquisições culminam com o reconhecimento de que ‘Eu sou todo o Espaço e todo o Tempo’.

Tudo isto se trata de sugestões. Embora eu tenha apontado para a emoção específica do medo, considerando aquilo a que nos propusemos, estas sugestões aplicam-se universalmente e merecem o esforço da tentativa de uma exploração mais profunda.

∞

In: The Theosophist, abril de 2016

O homem que não quiser sentir medo deve aperceber-se que, posto que as formas de existência individual variem, posto que as expressões do eu-consciência mudem, ainda que a vida a si mesma se manifeste de diferentes maneiras, fundamentalmente a vida é só uma. Quando conhecerdes isto, cessará todo o medo. Ser intrépido é ser imortal.

J. Krishnamurti

In: O Medo

A Teosofia no Mundo de Hoje

JOHN VORSTERMANS

Onosso mundo hoje de para o mundo. Alguns dizem que sempre existiram, entre nós, aqueles que buscam a sabedoria divina ou *theosophia*. Contudo, a história mostra-nos que o termo Teosofia foi usado no século III, por Amônio Saccas e Plotino, os quais fundaram a escola alexandrina do Neoplatonismo. A Sociedade Teosófica moderna foi fundada em 1875. Os seus três objetivos declarados são os seguintes:

1. Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.
2. Encorajar o estudo comparado das Religiões, das Filosofias e das Ciências.
3. Investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no homem.

A Sociedade apresenta, para consideração, ideias destiladas pelo estudo e pela experiência adquiridos ao longo destes 140 anos, fruto da exploração daqueles objetivos. Algumas destas ideias procedem dos fundadores da atual Sociedade Teosófica, enquanto outras estão baseadas no estudo dos textos sagrados do mundo, no estudo da ciência moderna e da filosofia. A Sociedade Teosófica não exige aos seus membros que aceitem todos, ou sequer algum dos ensinamentos teosóficos. O lema da sociedade é: Não há religião superior à Verdade.

Neste lema, O termo ‘religião’ refere-se não só às igrejas, mas também a qualquer sistema de crenças ou de ideias – incluindo as próprias afirmações da Sociedade sobre Teosofia.

A maior parte dos membros da Sociedade Teosófica concorda, em termos gerais, com as ideias e ideais básicos da Teosofia, mas são livres de rejeitá-los e de interpretá-los de acordo com a sua própria visão do mundo. Contudo, a Sociedade oferece uma notável perspectiva da vida, pela sua abrangência, coerência e intemporalidade, uma formulação contemporânea da antiga Tradição-Sabedoria que é a base de uma vida satisfatória e produtiva, que permite àqueles que a seguem descobrir a sua própria natureza interior e contribuir para o bem-estar do mundo.

Embora esta Sabedoria tenha sido oferecida ao longo das eras, sob vários nomes e em muitas línguas, a sua essência é fundamentalmente a mesma, ainda que muitos dos seus aspetos externos e modo de apresentação possam ter variado. Ela aponta especialmente para a realidade de uma unidade e fraternidade subjacentes e para a necessidade imperiosa de pô-la em prática; mas também é um foco de luz sobre o inexplicável à nossa volta e ajuda ao desenvolvimento dos nossos poderes latentes; é a harmonia interna entre a religião, a filosofia, a arte e a ciência.

A filosofia da Sociedade Teosófica

A Sociedade não promove apenas uma unidade subjacente da vida, mas também fomenta o entendimento religioso e racial ao encorajar o estudo da religião, da filosofia e da ciência e a investigação da dimensão espiritual da vida. A Sociedade advoga uma liberdade completa da busca e da crença individuais, ao mesmo tempo que promove a vontade de examinar qualquer conceito e crença, com uma mente aberta e com respeito pela interpretação de cada um.

No movimento teosófico moderno a palavra ‘Teosofia’ tem sido usada com diferentes sentidos:

1. É frequentemente usada para descrever o corpo de ensinamentos que foram dados através de Helena Petrovna Blavatsky (H.P.B.) e outros autores teosóficos. Este corpo de conhecimentos é frequentemente designado como ‘Teosofia moderna’ (com um T maiúsculo).

2. A palavra ‘Teosofia’ e também é usada para referir a Sabedoria Antiga universal subjacente a todas as religiões, a qual pode ser descoberta na sua essência quando delas são retirados os acréscimos, as deleções e as superstições. Isto é às vezes referido como teosofia ‘antiga’ ou ‘intemporal’.

Estes dois usos referem-se a um corpo de ensinamentos transmitido por diferentes sábios, em diferentes partes do mundo e em diferentes épocas.

É importante perceber que o estudo intelectual e a prática diária da Teosofia são apenas um meio de alcançar a verdadeira *theosophia* ou iluminação interior. À medida que disto nos tornamos mais conscientes, abrimos a porta a um lampejo

intuitivo (*insight*), que surge daquela parte de nós que é Divina. O processo de tornar-se mais e mais recetivo a estas intuições teosóficas é o que designamos como caminho ou como jornada espirituais.

Algumas ideias teosóficas

A Teosofia moderna postula que o campo de existência alcança mais do que este mundo material e do que a realidade circundante que percebemos através dos nossos sentidos. De facto, a falta de conhecimento sobre os aspetos superiores da realidade faz-nos ver as coisas de uma perspectiva incorreta, que é a causa-raiz do sofrimento. Podemos adquirir conhecimento do Real, no universo e nos seres humanos, através de uma prática holística espiritual que inclui o estudo, a meditação e o serviço.

A Sociedade Teosófica não exige aos seus membros a adesão às ideias básicas que a literatura teosófica oferece para consideração, ou a quaisquer ideias em particular. Apenas se espera que os membros estejam de acordo com os Três Objetivos da nossa organização. Eis algumas das ideias básicas da Teosofia:

- A realidade última é um todo unificado – absoluto, impessoal, incognoscível e indescritível.

- O universo em que vivemos é múltiplo, diverso, em constante mutação, relativo (o que significa que cada parte tem sentido e valor apenas em relação aos outros) e ilusório ou ‘mayáxico’ (de ‘Maya’) – isto é, a sua realidade difere da sua aparência.

- A realidade última é a fonte de toda a consciência, matéria e energia, as quais são os seus três aspetos mutuamente necessários

no universo manifestado e estão presentes em todos os seres e em cada partícula. Não há matéria morta ou inconsciente.

- O universo e tudo o que ele contém são emanções ou expressões da realidade última e não criações a partir do nada, por parte de um criador pessoal.

- O universo é eterno, mas com inumeráveis mundos em manifestação periódica no seu seio.

- O universo físico do qual estamos normalmente conscientes é apenas um aspeto do universo total, que consiste em múltiplos planos, campos ou dimensões de ser – coexistindo, interpenetrando-se e interagindo como aspetos do todo. Dos sete planos do nosso sistema solar, os seres humanos funcionam principalmente nos três inferiores: físico, emocional e mental.

- O universo e tudo o que ele contém estão ordenados, seguindo padrões de ciclos regulares, incluindo fases alternadas de atividade e repouso, governados por um princípio universal de causa e efeito ou karma. Na vida humana, este princípio de ciclos é expresso, entre várias outras maneiras, por renascimentos sucessivos ou reencarnação.

- A evolução, que é o resultado de uma orientação interior e inteligente expressa através do esforço pessoal, é algo positivo, tem um propósito e obedece a um plano.

- As nossas formas materiais estão a evoluir, assim como o nosso conhecimento consciente do universo e a consciência espiritual da nossa unidade básica com toda a vida.

- Somos seres compostos. Temos um certo número de princípios ou faculdades independentemente evoluídos, cujo desenvolvimento é um propósito da evolução. Quer no universo, quer em nós, existem os tais sete princípios.

- Somos seres tríplices: (1) uma personalidade temporária, que dura uma vida, (2) uma individualidade permanente, em evolução e que reencarna e (3) uma centelha ou emanção direta da realidade última. A integração destes três aspetos é a força motriz da nossa evolução.

- O processo de evolução, que começa com um impulso inconsciente, deve tornar-se, em última instância, um processo consciente dirigido pelo livre arbítrio e pela sempre crescente autoconsciência das entidades em evolução. A participação consciente na mudança evolutiva pelos seres humanos é simbolizada pelo caminhar por um trilho.

- A chave para o progresso da evolução humana é a dedicação do indivíduo ao serviço dos outros, isto é, o altruísmo – a consciência de uma unidade fraterna e o esquecimento da separatividade pessoal.

- A dor, a crueldade e a frustração que experienciamos na vida são o resultado da ignorância, de ações desequilibradas, de desorganizações relativas ou da mudança; não são males que existam independentemente.

- Como resultado do esforço individual nesta vida, é possível que os seres humanos cheguem, pelo conhecimento intuitivo ou pela experiência mística, a uma consciência completa da sua inseparabilidade da realidade última.

- Correspondências, analogias, ligações com significado e repetições padronizadas existem em todas as coisas no Universo. Ao usar estas correspondências, podemos utilizar o que conhecemos para descobrir o desconhecido.

- Por detrás das formas públicas ou exotéricas de todas as religiões e filosofias religiosas existe um ensinamento interno ou esotérico que integra os conceitos aqui referidos.

No Capítulo 4 de A Chave da Teosofia, sobre a relação da Sociedade Teosófica com a Teosofia, H.P.B. escreveu o seguinte: “A Teosofia é o oceano infinito da verdade, do amor e da sabedoria universais, refletindo o seu brilho sobre a terra... A Sociedade Teosófica foi formada para mostrar à humanidade que a Teosofia existe.”

Na verdade, este ‘oceano infinito’ não é posse exclusiva da Sociedade Teosófica; existe em todo o lado e tem estado sempre

disponível para as mentes buscadoras e intrépidas. Contudo, alguns dos conceitos centrais desta verdade universal têm sido formulados mais especificamente na literatura da Teosofia e a sua plenitude está coerentemente estabelecida na Teosofia, a qual tem uma relevância especial para os nossos tempos. Blavatsky referiu que o estudo dos grandes princípios universais da Teosofia requerem um género especial de esforço mental que envolve “o esculpir de novos caminhos cerebrais”. Com as nossas mentes condicionadas, nem sempre é fácil, para nós, submeter-nos a uma tarefa tão rigorosa, mas uma vez ultrapassada a nossa relutância e a nossa inércia, podemos vê-la como a aventura mais emocionante das nossas vidas. ∞

In: TheoSophia, revista oficial da S.T. na Nova Zelândia, dezembro de 2015

Tudo é encontrar qualquer coisa. Mesmo perder é achar o estado de ter essa coisa perdida. Nada se perde; só se encontra qualquer coisa. Há no fundo deste poço, como na fábula, a Verdade. Sentir é buscar.

Fernando Pessoa
In: A Procura da Verdade Oculta, António Quadros

A Melhor Vida Humana Promove a Evolução

ENEIDA E. CARBONELL

A Sabedoria Antiga transmite uma filosofia positiva ou otimista baseada em leis que governam o universo. Este otimismo não se baseia numa satisfação passageira, artificial, nem é provocada com uma determinada intenção; é um otimismo suportado por factos, por verdadeiras histórias de vida, que tem sido estudado através de cuidadosa e profunda observação desde tempos imemoriais.

Todas essas leis trabalham em concordância, para manter um perfeito equilíbrio universal pleno de beleza, harmonia, verdade e alegria eterna. O seu estudo oferece-nos uma perspectiva total do mecanismo e das ligações do processo universal e particular, porque este último está contido no primeiro. Estas leis têm sido apresentadas por diversas escolas filosóficas, religiões e pela ciência sob variados nomes, mas, subjacente a todas elas, o significado é análogo. Além disso, ciência e escolas filosóficas não se preocupam em estudar todas estas leis universais, mas apenas dando ênfase a uma ou duas delas, dependendo de terem feito uma observação mais estreita ou mais abrangente.

Temos felizmente uma imensa riqueza de conhecimentos acerca destas leis nas obras de H. P. Blavatsky, especialmente em *A Doutrina Secreta*, na qual ela procurou não deixar de fora nenhuma das filosofias,

religiões ou ciências do seu tempo, lidando com o seu estudo juntamente com os conhecimentos obtidos a partir da Sabedoria Antiga, proporcionados pelos Mestres de Sabedoria. H.P.B. dizia que a Lei da Perfeita Harmonia é aquela que mantém o funcionamento das outras leis – dos ciclos, da evolução, da analogia, do karma e da reencarnação, da atração, da lei esotérica, etc. – apresentando a Unidade como base de todas elas, não como um grupo de elementos, mas como a origem de tudo; e os três primeiros poderes – da criação, da conservação e da transformação; e ainda a legião de forças, elementos sub-tis, ou *tattva-s*, e poderes secundários que cooperam com os três primeiros poderes.

Como podemos ver, o estudo da Unidade, das suas leis, das suas forças e dos seus poderes é extremamente abrangente e fascinante, mas o tema deste artigo dirige-se principalmente à lei da evolução. Dado que todas estas leis estão interrelacionadas, ao estudar-se uma delas abordamos todas as outras. E é isto que acontece com a lei da evolução que atraiu bastante atenção quando, no século XIX, o naturalista britânico Charles Darwin, depois de viajar extensivamente à volta do mundo, realizando inúmeras observações acerca da variação das espécies, apresentou ao mundo a doutrina da evolução, também conhecida

por Darwinismo, na sua obra *Origem das Espécies através da Seleção Natural* (1859).

Anos mais tarde, H.P.B. explicou que quando deixamos a Natureza só, o processo de evolução é mais lento, embora certo. No caso específico dos seres humanos, quando estes atingem um determinado estágio, é necessário acelerar a sua evolução e então os *pitri-s* solares (os antepassados ou criadores da humanidade interior) intervêm. Nesses momentos, alguns homens sabiam como utilizar corretamente esta ajuda e começaram a ocupar a vanguarda da raça humana, oferecendo os seus préstimos à Grande Fraternidade Branca. É também este o trabalho por que espera esta parte da humanidade que está conscientemente desperta e acerca do qual H.P.B. escreveu da forma que o fez, de modo que quando nos aplicamos a percebê-lo, o melhor das nossas faculdades será ativado, permitindo-nos atuar sabiamente e descobrir a harmonia no viver.

E é certo que verificaremos, se estivermos recetivos, que se considerarmos devidamente o que acima se afirmou acerca das leis universais, os resultados serão espantosos, porque nos banhamos nas águas em que os próprios e genuínos buscadores da Verdade estão imersos. E dado que este benefício é a todos igualmente oferecido, a ciência moderna aprendeu a mergulhar nas mesmas águas que H.P.B. nos ofereceu. Isto iniciou-se no tempo de Darwin, ao tomar-se a lei da evolução como um pilar para encerrar as portas para caminhos espirituais, para a Divindade ou Deus. Mas hoje, à luz das suas próprias observações e estudo aprofundado, a sua teoria da evolução tornou-se uma aliada dos sentimentos

religiosos e de certas filosofias. A teoria da evolução é amiga daqueles que aprofundam atividades criativas com significado cultural na nossa natureza e no desenvolvimento potencial da cultura humana.

Como resultado, a ciência moderna reconsiderou as próprias palavras de Darwin quando disse: “Deus vive nas profundezas de um indefinível mas sempre esperançoso futuro”. Estas mesmas palavras inspiraram John Haught, teólogo católico, a escrever *Making Sense of Evolution*. Bernard Heisch também escreveu *The Purpose-Guided Universe*, obra na qual utiliza Darwin, Einstein e Deus para reconciliar ateus e teístas, oferecendo-lhes uma visão geral da física quântica, da cosmologia e da espiritualidade não dualista baseada numa série de justificações científicas e filosóficas, estabelecendo a base para o propósito do processo evolutivo. Tudo isto é estudado e compreendido naquilo que conhecemos como o Plano Divino. É interessante notar que, na procura exterior, em direção só ao que é objetivo e concreto, a ciência moderna tornou patente um magnífico mundo interior, devido à (1) inter-relação (que é certa para os que compreendem adequadamente a Unidade) com a lei da analogia, bem como (2) à sua corroboração da complementaridade dos opostos.

Hoje em dia, a ciência moderna possui uma cosmogonia que se baseia nos onze poderes do Universo que ela tem vindo a descobrir. Estes poderes são idênticos àqueles poderes primários e secundários, às leis universais e à Unidade subjacente apresentada por H.P.B. Embora até agora os cientistas só tomem em consideração

onze poderes, estes são suficientes para lhes permitir entender, ou ter um vislumbre, com maior certeza, da Sabedoria Antiga (se nela estiverem interessados). Levaria muito tempo a descrever em detalhe estes onze poderes, mas a seguir apresentaremos uma visão muito breve dos mesmos.

Os cientistas designam o primeiro poder como 'Inconsistência' ou 'o poder da continuidade'. Estabelecem que a sua descrição pode ser adequada de certa maneira e inadequada de uma outra maneira, porque se lhe chamamos 'inconsistência', deve ser porque não possui objetos, e se lhe chamamos 'continuidade', deve ser porque está repleta de conexões subtis. É a região primordial das partículas físicas elementares estudadas como vácuo quântico, inicialmente apresentado como hipótese, em 1920, e verificado em 1940. Este poder ajuda os cientistas a aceitarem a origem comum de toda a existência, a qual foi enunciada por H.P.B. em A Doutrina Secreta como uma das três proposições fundamentais, sendo esta a primeira:

Um PRINCÍPIO Omnipresente, Eterno, Sem Limites e Imutável, sobre o qual toda a especulação é impossível, porque transcende o poder da concepção humana e porque qualquer expressão ou qualquer comparação humanas não poderiam senão diminuí-lo. Está além dos limites e do alcance do pensamento – 'inconcebível e indizível', segundo as palavras do Mândûkya Upanishad.

Convém notar aqui que o poder de que os cientistas falam não coincide com a definição de H.P.B. da sua proposição fundamental, embora estejam relacionados, visto

que pertencem à mesma origem. Isto é, o poder dos cientistas evidencia qualidades que estão implícitas na definição de H.P.B.

Os cientistas designam o segundo poder como 'centralização' e é sustentado pelo estudo da energia ou poder de ação transmitido para dar vida, passando de um centro para outro. A energia solar é transmitida para a Terra, que nos dá os seus frutos e se torna parte de nós, através dos alimentos que ingerimos, mas o sol recebe a sua energia de átomos de hidrogénio, os quais, por seu turno, a recebem da energia que dá origem ao universo e esta energia também se torna parte de nós. Isto recorda-nos o poder de *fohat* (a essência da eletricidade cósmica), que transmite vida inteligente, e os pontos *laya* (pontos de equilíbrio), dado que *fohat* é descrito como desenhando linhas espirais, porque este poder reside não só na evolução dos princípios do homem, mas também nos princípios da natureza. É o mensageiro ou veículo, o poder elétrico de afinidade e simpatia, o elo de união nos níveis superiores entre o espírito e o seu próprio sopro que irá originar a manifestação em que nos encontramos. A Doutrina Secreta explica que as suas rodas ou círculos cobrem as seis direções e também a roda central, a qual seria o primeiro ponto de equilíbrio na nossa manifestação.

Ao terceiro poder dá-se a designação de 'atração', e os cientistas modernos baseiam-no nas suas experiências com a chamada lei da gravidade e eletromagnetismo, bem como nas suas extensas observações do comportamento das galáxias, dos planetas, das estrelas, dos átomos, das moléculas e das partículas subatómicas. Também lhe

chamamos lei da atração e vimos a sua origem no poder elétrico de afinidade descrito no parágrafo anterior, mas o que não foi ainda claramente explicado é o modo como a lei da atração nos nossos planos, ao dar origem à eletricidade e ao magnetismo, ocasiona uma série de acontecimentos que não parece estarem relacionados com a lei que lhes deu origem. Então verificamos que H.P.B., na sua obra *Isis Sem Véu*, menciona um general chamado Pleasonton, um experimentador um pouco melhor sucedido na forma como se focalizou nestas questões. Em poucas palavras expôs a existência de uma luz astral, ou meio de transmissão, no espaço entre o Sol e a Terra. A enorme fricção criada pela luz ao atravessar este meio origina, necessariamente, eletricidade, a qual, transmutada em magnetismo, engendra as forças naturais cuja ação determina as variações na vida planetária. Com base nisto, ele conclui com teorias que ainda não foram aceites, mas H.P.B. diz que se Pleasonton tivesse dado um suporte às suas hipóteses, as gerações futuras não seriam capazes de trocar da luz sideral de Paracelso, nem das suas doutrinas sobre as influências magnéticas exercidas pelas estrelas sobre os animais, os vegetais, os minerais, etc.

O quarto poder é o poder da 'Emergência' e postula que o Universo não é um lugar mas uma história, a história de sequências irreversíveis de acontecimentos emergentes, uma sequência de criatividade. Os cientistas baseiam isto nas suas constantes observações do aparecimento de novos planetas, estrelas e galáxias. Consideram que a ciência levou a cabo uma grande descoberta ao perceber que o universo, na sua totalidade e dentro de

cada ser nele contido, é permeado por este poder. E certamente deram um grande passo ao falarem do poder primário de 'Criação' (Brahmâ, a primeira pessoa da Trindade Hindu). Além disso, estão a admitir a ideia de hierarquias criadoras.

Os cientistas designam o quinto poder como 'manutenção da estrutura' (Homeostasia). Este poder também corresponde ao poder primário de 'Conservação' (Vishnu, a segunda pessoa da Trindade Hindu). Tem como suporte observações realizadas com os grandes feitos da Natureza e da forma como são por ela mantidos. Observaram-no no funcionamento da atmosfera, da biosfera e da esfera, bem como nas espécies dos diferentes reinos. Este poder de conservação coopera intimamente com a evolução e é precisamente o que vem exposto no título deste artigo: 'A melhor vida humana promove a evolução', porque, como vemos, é preservada seletivamente, isto é, preservando o melhor do que é realizado para que a evolução possa ser um facto.

O sexto poder é o poder do 'Cataclismo' e também corresponde ao poder primordial da 'transformação' (Shiva, a terceira pessoa da Trindade Hindu). Este poder é muito justamente expresso como aquele que permite que o processo criativo tenha lugar. Alguns declaram que os cataclismos acontecem para permitirem que ocorra uma nova criação (ou um surgimento), como lhe chamam.

Shiva é venerado, especialmente na Índia, como um ser poderoso ou uma força divina. Chamava-se-lhe 'O Destruidor', para mais tarde o designar como

‘O Transformador’, porque ele destrói para originar uma mudança para o melhor na evolução.

H.P.B. falou muito enigmaticamente acerca da metempsicose, sabendo que esta não poderia ser compreendida no seu tempo, mas abandonou o plano físico, dizendo que se tratava de um conceito sublime. E observando a função de Shiva, constatamos que quando alcançamos o culminar de um estágio evolutivo, ocorre a mudança necessária na escala progressiva e muitas vezes a mudança é tão drástica que não se assemelha em nada ao seu estado anterior. Esta também a razão pela qual H.P.B. afirmou que os cientistas do seu tempo nunca encontrariam o elo em falta.

O sétimo poder, designado como ‘Sinergia’ ou associação, é aquele que ocasiona a consecução de um objetivo comum. As relações sinérgicas dão origem a fatores que, de outro modo, não existiriam no universo. Esta lei cosmológica tem sido observada no comportamento dos neutrões, os quais, se deixados sozinhos, se desintegram em poucos minutos, mas se o mesmo neutrão for colocado em relação com um ou mais prótons, pode existir durante bilhões de anos. Isto está de acordo com a física quântica e diz respeito à biologia; esta colaboração associativa pode oferecer estratégias que acabam por ter êxito no drama da vida. Isto é, o poder da sinergia mostra o poder ontológico das relações, sendo precisamente o fundamento do primeiro Objetivo da Sociedade Teosófica – Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, com o objetivo de auxiliar a humanidade. Muitos pensadores teosóficos

já nos falaram do trabalho importante que a Sociedade Teosófica está a empreender, ao ter sido organizada como um ‘núcleo’ da Fraternidade Universal, isto é, funcionando como uma estação transmissora para influências benéficas de unidade para com o resto da humanidade.

O oitavo poder é designado como ‘Transmutação’ e baseia-se na observação da forma como o Universo por vezes persiste em ocasionar manifestações de algo novo, aproximando-se da ideia de que o Universo parece não estar plenamente satisfeito e que permanece numa constante autotransmutação, como uma necessidade.

Sabemos que o mundo arquetípico espera até que a sua total autoconsumação seja alcançada. Assim, o chamado poder de transmutação é aquele que permite a constante aproximação à sua consumação e que é precisamente impelido pela lei da evolução.

O nono poder é o poder da ‘Transformação’ e está relacionado com a transmutação. É o modo como ocorrem mudanças numa sociedade ou numa comunidade, isto é, quando várias transmutações têm, coletivamente, repercussões numa transformação e assim se acelera todo o sistema. Como se pode ver, este poder também está diretamente relacionado com a lei da evolução.

O décimo poder é designado como ‘Inter-relacionamento’, também designado como poder de integração e de conexão; além disso, pode ser designado como o poder da ‘totalidade’ e é sustentado pela forma como cada ser no Universo depende de outros seres. A nossa própria existência depende tanto dos minúsculos organismos

que vivem no Oceano Pacífico, como da atividade dos protões no sol. Visto externamente, este poder é aquele que trata das relações ou inter-relações, mas internamente é o poder da compaixão ou do cuidado e do auxílio partilhado. Visto de ambas as perspectivas, este poder permite-nos compreender, com bastante precisão, a unidade que subjaz a todas as coisas e a sua íntima conexão de inter-relação e, por conseguinte, o subsequente despertar do amor e da compaixão. Estas são as qualidades que tornam possível a realização de tudo o que é belo, perfeito e real.

Os cientistas modernos apelidaram o último poder cosmológico de radiação como 'Radiância', baseados na segunda lei termodinâmica que diz, sucintamente, que cada ser energético dispersa a sua energia. Energia radiante é uma lei do Universo. Este facto tem sido observado mesmo no mais gelado grupo de pequeníssimos átomos de hidrogénio, na noite mais escura do espaço intergaláctico. Este facto foi descrito e estudado no assunto relativo a Auras, na literatura teosófica, e também é sustentado pelo décimo poder que acabámos de citar, excetuando que, desta vez, a inter-relação foi observada em mundos ainda mais subtis.

Todo este conhecimento científico é extremamente limitado quando comparado com o conhecimento oferecido pela Sabedoria Antiga. Além disso, esse conhecimento científico é limitado, até mesmo quando comparado com o que foi exposto acerca destas questões por H.P.B. e pelos próprios Mestres de Sabedoria, nas suas cartas, que explicitaram estar a oferecer apenas fragmentos das realidades últimas,

simplesmente porque a nossa evolução é gradual e ainda não nos qualificámos ou preparámos para receber a totalidade deste conhecimento fascinante. Isto porque ainda estamos na quinta raça, a qual apenas desenvolveu cinco sentidos. Quando a quinta raça alcançar o ponto em que cada ser humano possa ser um agente livre e totalmente responsável, o karma desta pouca mais que adulta quinta raça alcançará lentamente o ponto necessário para obter mais conhecimento, o qual só será possível quando o sexto sentido começar a emergir. Nas palavras do Mestre KH: '...é ilógico usufruir do legítimo desenvolvimento da evolução e das dádivas das futuras raças, apenas com o auxílio dos nossos atuais sentidos limitados'.

Por conseguinte, nem nós, enquanto buscadores da verdade, nem os chamados cientistas, que desenvolvem trabalho ao longo de linhas igualitárias, seremos capazes de obter este conhecimento pleno, se não prepararmos dentro de nós as condições necessárias no sentido de nos transformarmos nos seus agentes conscientes, em perfeita harmonia com as leis divinas. Quando isto for realizado, a vida humana terá progredido, promovendo a evolução. ∞

In: The Theosophist, outubro de 2013

A Neurofisiologia da Compaixão

JOSÉ FOGLIA

O *Homo sapiens* é a última espécie do género *Homo* que apareceu no planeta. E durante cerca de 35.000 anos deixámos em todo o globo testemunhos culturais que ilustram a nossa criatividade, capacidade de inventar recursos e determinação. Pinturas em cavernas, cavernas decoradas com animais e símbolos, uma variedade de utensílios domésticos, armas e muitos outros artefactos demonstram uma sensibilidade artística, capacidade de abstracção e ingenuidade que se foram desenvolvendo com toda a evidência naquele tempo.

Naquela época, graças ao nosso talento musical, também construímos o primeiro instrumento de sopro: a flauta. Todavia, de todas as nossas criações a mais significativa foi indubitavelmente o desenvolvimento da linguagem verbal. Somos hoje a única espécie na Terra que consegue comunicar através de sons e palavras estruturadas em frases devido ao talento que fomos desenvolvendo ao longo do tempo.

Ao longo de milénios, o tamanho do nosso hemisfério esquerdo foi crescendo. Talvez o uso repetido do Loop Fonológico, armazém da informação verbal, tenha aumentado a memória, algo muito necessário para se processar adequadamente toda a informação requerida por esta complexa função. Por conseguinte, as áreas de Broca e Wernicke, as áreas do cérebro que processam

a linguagem, se tenham desenvolvido consideravelmente de modo a serem capazes de conter um vocabulário significativo. Hoje, isto permite-nos dominar várias línguas. Se fizermos um corte horizontal (secção cruzada) através do cérebro humano onde estas áreas estão localizadas, verificamos que elas são maiores do que as suas contrapartes do hemisfério direito.

Contudo, filogeneticamente, em determinado período da nossa história, o hemisfério direito estava mais desenvolvido do que o hemisfério esquerdo. De facto, desde o aparecimento do *Homo sapiens* no nosso planeta, há cerca de 160.000 anos, vemos exemplos de uma tremenda criatividade. Fosse para enfrentar desafios de vida e responder inteligentemente, ou para estudar quaisquer circunstâncias que impulsionassem um movimento no sentido de chegar aos nossos objetivos, aprendemos a planear estratégias para alcançarmos as nossas metas com êxito. Lutar contra o tempo e contra predadores de modo a sobreviver e, mais tarde, controlando o meio ambiente, requeria muita inteligência da nossa diáspora. Quer o *Homo sapiens* tenha uma única origem em África, quer tenha aparecido em diferentes partes do mundo, não deixa de ser verdade que povoou a Terra em pouco tempo. Não será que isto prova uma enorme capacidade criativa?

O nosso impulso para encontros e conquistas não tinha limites e certamente um dia irá levar-nos para lá das fronteiras do nosso universo, para explorar a possível existência de outros seres. Aparentemente, nada faz parar o Homo sapiens. Também é verdade que no dia em que decidirmos destruir grande parte da humanidade seremos absolutamente bem sucedidos. A quantidade imensa de armas, químicas, bacteriológicas e outros tipos de destruição, as centenas de milhares de toneladas de ogivas nucleares e de tecnologia que possuímos no século XXI são muito mais eficazes e mais rápidas para matar montanhas de pessoas do que o machado talhado em pedra do Período Neolítico e ainda mais do que aquelas armas primitivas desenvolvidas no Período Paleolítico. Hoje em dia tornou-se claro que pouco nos importamos, que podíamos facilmente conseguir a destruição da Terra. Não há dúvida de que tantas atrocidades implicam um fator seriamente doente: a psique do Homo sapiens.

Quando e como ocorreu esta grave deterioração psicológica? Qual é a causa da tremenda crise que afeta hoje a humanidade? O que desumanizou o Homo sapiens?

A nossa história estava cheia de conhecimento desde o início. Todavia, quando os nossos cérebros desenvolveram a autoconsciência, ela foi crescendo progressivamente durante alguns milénios até mudar o nosso aspeto físico, o habitat que nos abriga, a fauna, flora, atmosfera, florestas, desertos, bactérias e em breve a Lua e Marte. O universo cheio de profundo significado em que vivemos durante a nossa morada

nas cavernas, há apenas alguns milénios, foi substituído em relativo pouco tempo pela segurança que a Bolsa de Fundos Públicos fornece, e continuamos a viver desta forma todos os dias graças às comunicações cibernéticas e internéticas. Não é normal e lógico que reine tanta confusão entre a humanidade?

Em 'poucas horas' passámos do viver a vida significativa que nos era oferecida para o acelerado mundo virtual dos valores do intelecto. A hipertrofia das áreas da linguagem no hemisfério esquerdo proporcionaram a supremacia da nossa realidade consciente, bem como o controlo do seu irmão praticamente mudo localizado no hemisfério direito. Gabamo-nos de sermos os únicos seres do planeta providos de livre arbítrio. E aceitamos esta falácia com prazer e orgulho. Contudo, estará certo proclamarmos que somos livres quando o nosso comportamento é cada vez mais influenciado pela propaganda e condicionado por ideologias?

É inegável que estamos a enfrentar uma crise sem precedentes na história da humanidade. Vários factos mostram que, no passado, éramos muito mais humanos e sensíveis. As espingardas destinavam-se a caçar animais para alimentar as nossas famílias. A vida tinha para nós um significado mais profundo e a criatividade destinava-se à construção e ao trabalho para a sobrevivência. Utilizando estas habilidades e atributos modelámos o primeiro pote de barro, que nos permitiu transportar água através dos desertos ou o primeiro casaco que fizemos para proteger os nossos filhos do frio, durante as glaciações. Éramos afetu-

sos entre nós; a perda de um membro da equipa significava continuarmos a nossa viagem intrépida através do mundo, com um flanco demasiado vulnerável. Havia muito amor entre nós e precisávamos uns dos outros, deixando para a posteridade testemunhos de ritos funerários e túmulos construídos com grande afeto para enterrar os nossos entes queridos.

O que aconteceu com o passar do tempo? O que poluiu os nossos corações? Quando e como começámos a perder a capacidade de amar?

Num curto espaço de tempo, desde que criámos a linguagem verbal, temos vindo a substituir os significados mais profundos da vida que nos era dada por constantes conversas virtuais sem qualquer interesse, graças à moderna tecnologia. Pouco a pouco a nossa cultura tem vindo a deteriorar-se a ponto de tornar os nossos relacionamentos numa abstração vulgar e medíocre.

Insidiosamente, o pensamento neurótico processado pelo Loop Fonológico tem envenenado progressivamente o cérebro humano com ideologias e fundamentalismos arrogantes, provocando assim comportamentos perturbados, psicóticos e histéricos. Consequentemente, o nosso foco, enfraquecido e distraído, mal consegue acompanhar a desenfreada moda cibernética que intenta agora globalizar a cultura do intelecto. Alterámos, orgulhosamente, os ritmos diários da Mãe Natureza. Por conseguinte, os sobreviventes desta crise não ficarão surpreendidos quando a história apontar para nós como sendo as únicas criaturas responsáveis por uma tremenda extinção.

Depois dos primeiros povoamentos do Período Neolítico, quando finalmente começámos a viver em cidades, criámos normas de comportamento que iriam permitir equilíbrio e harmonia entre os cidadãos. E foi assim ao longo da história; criávamos paradigmas e depois substituía-los por outros mais convenientes, consoante as circunstâncias. E isto apenas fortaleceu o crescimento das nossas capacidades intelectuais e não a nossa capacidade para amar. Cada vez mais os nossos pensamentos ignoravam os sentimentos do nosso coração. A atividade do Loop Fonológico foi crescendo até que se criou uma dependência psicológica no intelecto. O dano que os nossos vícios do pensamento foi causando está a ameaçar as nossas vidas. Por conseguinte, agora não é tempo para se propor um novo paradigma, mas antes criar uma cultura inteiramente nova e sem precedentes.

Podemos perguntar-nos se os massacres cometidos pelos comunistas para atingirem o ideal da igualdade social são justificáveis. Ou se os assassinios em nome de Deus, por grupos religiosos, podem ser justificados. Podemos condenar o nosso comportamento explorador causado pela ganância e ambição?

Ao longo da história fomos justificando o nosso comportamento com o fim de obtermos o que julgávamos ser melhor para nós, e continuámos até hoje a proceder da mesma forma. Consentimos, letargicamente, na produção de armas de guerra, nas atrocidades de governos populistas e na corrupção dos governantes políticos. Pior ainda, permitimos, com total passividade, a perda da liberdade individual, a poluição ambiental, a difusão do absolutismo marxista e a

angústia de conseguirmos pagar impostos aos bancos corruptos e às corporações mafiosas que dominam o mundo.

O que aconteceu no nosso cérebro para permitirmos que isto ocorresse? O que nos separou do verdadeiro significado da vida? Quando é que aceitámos deixar de ser livres?

Vamos focar-nos nestas questões a partir de uma perspetiva neurocientífica, procurando encontrar uma leitura para a atual humanidade em crise. É verdade que uma abordagem reducionista pode parecer demasiado rígida quando queremos explicar os conflitos humanos, dado que estes envolvem emoções e sentimentos. Contudo, é altura para o *Homo sapiens* alterar o foco através de lentes de conhecimento e linguagem científicos, no sentido de criar uma cultura completamente nova.

O cérebro humano consiste em dois hemisférios que trocam a respetiva informação através de uma ponte: o corpo caloso. Ambos os hemisférios processam informação de forma muito diferente, possuem capacidades diferentes e poder-se-ia dizer que cada um tem a sua própria personalidade.

O hemisfério esquerdo do cérebro é *logistikon*, como Platão o denominava, local do pensamento convergente, abstrato, analítico, racional e lógico. É o sítio do Loop Fonológico, do qual emergem os pensamentos diretos, verticais, realistas, poderosos e dominantes. A área de Broca para a articulação da palavra, Wernicke para a compreensão da linguagem e as áreas 39 e 40 de módulos Brodmann que integram todas as perceções do mesmo objeto, todos constituem o Loop Fonológico onde

processamos constantemente os nossos pensamentos. Alguns deles tornam-se conscientes e são observados e avaliados em diferentes áreas dos lobos pré-frontais. Contudo, a maior parte dos pensamentos é inconsciente, submersa como um icebergue. Este hemisfério funciona como processadores informáticos colocados em séries. Tem a capacidade de classificar, organizar e analisar todo o pormenor da informação que está a ser processada. É pelo facto de associarmos constantemente tudo isto com a nossa experiência acumulada na memória que nos tornamos capazes de planear uma ação no futuro. Este hemisfério ‘pensa’ na base da linguagem, de forma linear e metódica. É o sítio do nosso intelecto que ordena a informação lógica e racionalmente, e que se expressa através da linguagem verbal, falada ou escrita. É o cérebro que consegue falar, medir, comparar, que é capaz de fazer cálculos aritméticos e pensar em circunstâncias do passado, capaz de analisar o presente e planear uma estratégia adiada para um tempo a que chamamos ‘o futuro’.

O hemisfério direito, sede do *nous* de Platão, é o nosso cérebro intuitivo, imaginativo, que permite pensamentos divergentes, flexíveis, complexos e divertidos, visualizações humorísticas e interações místicas, submissas e sensíveis. É o local onde surgem novas ideias criativas. O cérebro criativo desenvolveu-se, filogeneticamente, na nossa espécie muito antes da linguagem verbal. É o cérebro inteligente que cria novas soluções para circunstâncias novas. Sendo quase mudo, conecta-se diretamente com o nosso ‘coração’ para transmitir a

informação que é processada a cada minuto. É também a morada dos sentimentos e emoções profundos que nos avisam sobre o que está a acontecer no ambiente que nos rodeia e nos nossos corpos, no nosso estado presente e no estado em que se encontram outros seres. É o cérebro empático.

Este hemisfério direito funciona como se tivesse processadores informáticos colocados em paralelo. É o nosso cérebro análogo. A sua visão é global. Pensa na base de imagens em vez de palavras; aprende através do movimento do corpo. É o local da memória de trabalho visuo-espacial, a parte da memória trabalhadora que permite a recordação de imagens. Vive só no presente; pelo que a perceção está aqui e agora. Desenvolveu características que nos permitem ter uma perceção completa e total do universo que nos rodeia e do nosso próprio corpo. Assim, graças a este esquema ele está consciente da localização espacial do corpo e, por causa da integração, torna possível a relação com o espaço em que se move. Ele também compreende a informação sensorial do mundo exterior, conseguindo assim uma perceção total daquilo que o rodeia. É a sede dos talentos criativos, emoções, poesia, metáforas, símbolos, música e de outras expressões artísticas. É o nosso cérebro artístico.

Quando, como e por que razão o hemisfério esquerdo do cérebro predominou sobre a nossa consciência da realidade?

Responder a esta pergunta implica que se especifique o significado que atribuímos às palavras ‘consciência plena’ (*awareness*), ‘atenção’ e ‘mente’ durante esse

desenvolvimento. A nossa abordagem é exclusivamente reducionista e não incorre em investigações filosóficas sobre o que são as chamadas crenças, superstições e religiões. A premissa desta abordagem é que a consciência plena e a atenção são o resultado de processos neuronais e não ‘coisas’. Não consideramos que ‘consciência’ é a pessoa aperceber-se disso quando lhe presta atenção. Esta frase, tão frequentemente repetida na vida de todos os dias, adquiriu, ao longo de milénios, uma verdade imerecida e passível de engano. Contudo, o que acontece é que depois do sucessivo surgimento de estímulos, ocorre uma progressiva ativação do córtex cerebral. O processo de ativação é condicionado pelo significado da informação no momento em que atinge o cérebro. E, ao mesmo tempo, é condicionado pelo interesse e motivação que dão lugar a um *feedback* positivo na ativação do córtex do cérebro. Sendo assim, como o foco da atenção se move intensamente para os estímulos, o cérebro torna-se cada vez mais consciente.

No réptil, por exemplo, a atenção é devida à estimulação do sistema reticular ativado que fortalece as estruturas que contêm programas de sobrevivência. Assim, o cérebro reptiliano entra em alerta para condicionar os movimentos do corpo, consoante as circunstâncias.

No mamífero, a atenção, para além da ativação do cérebro primitivo, é a ativação de todos os módulos que também dizem respeito à motivação. Como resultado, os movimentos também são condicionados por uma reação dos mecanismos neuroendócrinos. O estar alerta cria, então, uma

sensação de prazer ou desprazer consoante o estímulo que a causou.

A atenção no cérebro humano, para além de todos os mecanismos prévios, é um processo que ativa módulos sofisticados e complexos nos lobos pré-frontais, que permitem a abstração dos diferentes tipos de informação processados sob a forma de palavras e listas de pensamentos, memórias e sentimentos.

Vários programas foram desenvolvidos nos lobos pré-frontais do *Homo sapiens*. Para darmos uma visão geral da sua complexidade apontaremos aqui apenas alguns deles. A nossa Central Executiva, o local onde operamos e onde determinamos as nossas ações, é muito complexa. É a sede da vontade consciente. É onde nos situamos quando dizemos 'eu quero'. É também composta por todos os programas que nos permitem estar conscientes de termos tido uma experiência neste preciso momento, de termos tido uma existência no passado, e que nos permite dizer 'eu sou'. O córtex cíngulo anterior está localizado no lado interior do lobo frontal. Quando ativado, passamos a estar conscientes de sensações internas.

É a área cortical que nos informa de como nos sentimos e nos permite dizer 'eu sinto'. Para se ter êxito na meta proposta pela vontade consciente da Central Executiva, isso depende essencialmente da integridade anatómica e funcional da área superior e do córtex dorsolateral pré-frontal, as áreas do cérebro que guiam e mantêm o foco nos pensamentos e ideias, tornando-nos assim conscientes da informação armazenada no trabalho da memória. Assim, podemos utilizar a informação acumulada ao longo da

vida e dizer 'eu sei'. Contudo, a integridade do córtex orbitofrontal é imprescindível à ação no presente imediato porque vai ativar os mecanismos de autocontrolo dos vários impulsos que são gerados na profundidade do cérebro.

Para que esta ação seja completa e consistente com a sua intenção é também necessário que o córtex orbitofrontal nos lobos pré-frontais esteja consciente das emoções que provêm do sistema límbico. É essencial para a adaptação social compreender o significado veiculado pelos sentimentos e assim permitir uma resposta adequada às circunstâncias. Esta área controla o comportamento anti-social compulsivo. É a área que nos coloca conscientemente no aqui e agora. O poder executivo do atual cérebro humano não consegue ater-se à mesma informação ou trabalhar num único tema durante um longo período de tempo sem que fique aborrecido ou rapidamente cansado. O interesse diminui depressa e o cérebro precisa de um novo estímulo que o volte a motivar. A dificuldade do cérebro do século XXI em manter o foco de atenção estimulou a necessidade de escapar à realidade através de distrações. O interesse acrescido que é oferecido pelo mundo digital ignora cada vez mais o universo análogo do hemisfério direito. E, com isto, observa-se agora uma falta de empatia e compaixão na sociedade.

O que poderá reverter esta situação dramática? O que acontece no cérebro durante o estado meditativo? Quais são os efeitos no sistema nervoso e no corpo? E o que tem tudo isto a ver com a criação de uma cultura inteiramente nova? Esta nova

cultura não significa criar um novo paradigma ou uma nova ideologia. O cérebro humano tem de transcender a motivação. A motivação foi muito importante para o cérebro mamaliano. Os lobos pré-frontais do Homo sapiens têm também de operar a partir do discernimento, evitar comportamentos e atitudes incorretos e colocar o foco de atenção no que é correto, na inteligência e no respeito pela vida. Devíamos apontar para a educação para aumentar o autoconhecimento e ser-se empático.

A empatia é Ética. Devíamos educar o Homo sapiens no sentido de funcionar a partir do amor e do afeto. O amor não possui motivo. A inteligência não tem escolha. O amor é a expressão mais elevada da inteligência. A Ética é muito mais do que valores morais. O que é 'bom' ou 'mau' é relativo consoante a cultura. Os valores podem ser relativos e mutáveis, como os valores listados no mercado de câmbios. A Ética é absoluta. A Ética é o que é correto e incorreto, certo ou errado. Tudo o que causa dano a alguém ou alguma coisa é errado. O cérebro tem de ser empático para sentir o que está a acontecer aos outros. A palavra empatia deriva do grego *pathos*, 'sofrimento'. Empatia significa sentir a dor

dos outros, compreender as circunstâncias dos outros. Como é que o cérebro pode estar consciente de quando está a causar mal a alguém ou alguma coisa se não consegue senti-lo? Como pode ele atuar com integridade, em todas as circunstâncias, se estiver a processar toda a informação em apenas um fragmento da sua autoconsciência?

Então, a nova cultura será educar para despertar compaixão por toda a criação. Temos de desenvolver a consciência das nossas capacidades para aprender o autoconhecimento, a consciência de que somos, enquanto seres, um com todo o universo. É isto que vivenciamos quando, durante o estado meditativo, sentimos uma paz e beatitude imensas. O despertar da inteligência em cada circunstância da vida é essencial se trabalharmos para uma humanidade que viva em paz. Hoje essa é a nossa responsabilidade. É sentir paz no nosso coração, de modo a que um dia sejamos capazes de criar um mundo em paz. A nossa história evidencia amplamente que podemos ser tremendamente criativos. O que nos impede de enfrentar esta crise sem precedentes que hoje nos desafia? ∞

In: The Theosophist, abril e maio de 2016

O tempo é a riqueza da mudança, mas o relógio, no seu jogo absurdo, fá-lo só mudança e não riqueza.

Rabindranath Tagore

In: A Asa e a Luz

O Valor do Compromisso

JOY MILLS

O hábito e a tradição podem conduzir-nos a padrões de pensamento e de ação que parecem ter falta de frescura e de espontaneidade, pela sua repetição. Pelo facto de a filosofia teosófica nos apresentar uma visão panorâmica da vida, com ideias formidáveis, cuja grandiosidade menoriza as insignificantes preocupações comuns, podemos muitas vezes estar inclinados a retirarmo-nos para a segurança de uma caverna filosófica de especulações, em vez de confrontarmos as realidades da existência em termos de um compromisso positivo com a ação. Até que ponto podemos comprometer-nos? Existe alguma maneira pela qual possamos agir espontaneamente de modo que a ação, resultante de um compromisso interno com os princípios, vá de encontro às necessidades do momento, com uma frescura apropriada a essas necessidades? Estas são certamente questões que merecem uma séria ponderação pelo teósofo que presta serviço. Como membros e amigos da Sociedade Teosófica somos desafiados a envolver-nos num diálogo com o mundo, mas, para que esse diálogo seja eficaz, temos que investigar a natureza do nosso próprio compromisso.

A neutralidade da Sociedade como organização, a ênfase relativa à completa liberdade de pensamento para todos os membros, a ausência de afirmações de credo

ou afirmações autoritárias que definam (e portanto delimitem) a Teosofia, tudo isto pode servir como proteções com as quais nos defendemos dos ventos frios das necessidades do mundo. Contudo, a verdadeira liberdade de pensamento, uma liberdade na qual examinamos, com uma mente sem o preconceito do passado, não só as grandes ideias que são os princípios da Sabedoria, mas também as suas implicações em termos de ética e ação moral – deve deixar-nos vulneráveis, capazes de nos sentirmos afetados pelos problemas da humanidade. O amor, tal como a liberdade, é uma certa vulnerabilidade do espírito que nos mantém sempre prontos a escutar o choro daqueles que sofrem; de uma tal abertura surge o ato espontâneo de ir ao encontro das necessidades do momento.

Ao escrever sobre a questão da neutralidade da Sociedade, N. Sri Ram, ex-Presidente Internacional da S.T., disse o seguinte:

“O que é designado como neutralidade significa, efetivamente, que um membro não está comprometido para além dos Três Objetivos da Sociedade e deve ter completa liberdade para compreender e disseminar a Sabedoria, de acordo com o seu próprio temperamento e com as suas capacidades. Uma sociedade que respeita a Sabedoria, que promove a ação correta,

não pode ser neutral entre o certo e o errado. Mas em assuntos, relativamente aos quais as diferenças de opinião podem surgir, a Sociedade age não como uma organização, mas através dos seus membros individuais. Se os membros não aplicarem a Teosofia da melhor maneira que lhes seja possível, a Sociedade tornar-se-á, rapidamente uma organização morta ou inerte.”

O facto de não podermos comprometer a Sociedade em certos cursos de ação, não deve ser uma desculpa para o nosso próprio falhanço em comprometer-nos quando se trate de dirimir entre o certo e o errado. Os problemas do mundo são demasiado graves, as necessidades da humanidade demasiado desesperantes para um não-envolvimento apático: angústia, ignorância, injustiça e pobreza, estas são as nossas preocupações, porque estamos cientes de que a humanidade é uma fraternidade.

Não nos deixemos iludir por uma interpretação simplista do nosso Primeiro Objetivo, assumindo que para “formar um núcleo da Fraternidade Universal” é suficiente dar as mãos a outros que têm as mesmas intenções e disfrutar da segurança de um estado do núcleo que requiere pouca reflexão e ainda menos ação. Ao escrever um editorial sobre este mesmo tema, um antigo Secretário-Geral da Sociedade Teosófica em Inglaterra, L. H. Leslie-Smith, declarou o seguinte:

“Formar um núcleo é uma coisa muito diferente de estabelecer a fraternidade no mundo. Algumas frases das Cartas dos Mahatmas para A. P. Sinnett podem lançar alguma luz sobre isto. Em primeiro lugar, ‘vós... sois incapazes de compreender as

nossas ideias sobre a Sociedade como uma Fraternidade Universal.’ A Sociedade como uma Fraternidade Universal – um organismo cujos membros sejam efetivamente uma fraternidade sem distinções e, conseqüentemente, de natureza universal, não excluindo ninguém que possa ajudar a Sociedade a tornar-se essa fraternidade. Então, a Sociedade poderá ser um núcleo para a fraternidade de toda a humanidade. Como teósofos, devemos ter boa vontade para com todos, mas a nossa verdadeira tarefa parece estar em sermos inclusivos, não negando a filiação na Sociedade a todos aqueles que estejam dispostos a comprometer-se com a prática da fraternidade. A mesma ideia pode ser encontrada numa segunda citação das Carta dos Mahatmas: ‘Os Chefes querem o início de uma ‘Fraternidade da Humanidade’, uma instituição que seja conhecida em todo o mundo e chame a atenção das mentes mais elevadas.’ Uma fraternidade, uma instituição de pessoas cujas atitudes, capacidades e relações mútuas sejam de modo tão notavelmente fraterno que as mentes mais elevadas dela tomem necessariamente conhecimento, e que seja conhecida por toda a terra. Não é pois desejável tornar evidente e inequívoco o que realmente significa ser membro da Sociedade Teosófica?”

A palavra ‘formar’, com a qual começa o Primeiro Objetivo, pode querer dizer, como salienta Leslie-Smith, ‘existir como’ ou ‘criar’. O primeiro significado conduz a um estado de inércia, no qual os atos se tornam repetitivos; o segundo significado imprime uma qualidade dinâmica, quer em relação à atitude, quer em relação ao

comportamento, de modo a empenharmos criativamente na ação, a qual deve ser sempre espontânea e nova, de acordo com as necessidades do presente. O nosso compromisso para com o princípio da fraternidade é constantemente testado na coragem que atribuímos a esse compromisso criativo, que se recusa a ser intimidado por quaisquer obstáculos ou derrotado pela magnitude da tarefa perante nós. O vigor e a vitalidade da Sociedade surgem das vidas dos seus membros; o seu impacto no mundo, o seu poder transformador, a sua força regeneradora, todos dependem daquilo que nós, os seus membros, damos ao movimento e do modo como colocamos em prática, diariamente, as implicações dos princípios aos quais prestamos uma fidelidade interna.

Concedendo, aos demais, a total liberdade de pensamento que reclamamos para nós próprios, preservando a sábia neutralidade da Sociedade, a qual permite

visões divergentes, podemos, até mesmo, examinar a importância prática das grandes ideias e dos princípios universais da Sabedoria, adquirindo sempre uma nova perspectiva desses princípios, à medida que tentamos aplicá-los aos problemas dos nossos tempos. Não tenhamos receio de traçar novos rumos, de agir de uma nova maneira, de nos expressarmos com novos significados; tenhamos a coragem de assumir o nosso compromisso para com uma Sociedade cujos objetivos abracem uma compreensão total e que, desta forma, atue de modo a que todos reconheçam que, para nós, assim como para os Irmãos Adeptos, o termo 'Fraternidade Universal' não é letra-morta.

∞

In: TheoSophia, revista oficial da S.T. na Nova Zelândia, março de 2015

A qualquer pessoa que queira ser admitida na Sociedade Teosófica, é pedido um único compromisso: a 'Fraternidade'; compromisso puramente moral que o novo membro assume perante a sua própria consciência; apenas isto.

A. Horter

In: Théosophie Pratique

A Tecnologia no Mundo Atual – Perspetivas Teosóficas

FERNANDO COELHO DE SOUSA

Introdução

Materialismo Científico

A história da ciência é a história da compreensão humana de como certos efeitos resultam de causas particulares. Os cientistas do século XIX viram o homem como um aglomerado fortuito de átomos. Os materialistas sustentam que a matéria, a matéria física, é a única realidade, que toda a causa é física e que nada existe que não tenha origem física. Admitem que os eventos fisiológicos sejam acompanhados por processos mentais, mas recusam aceitar a possibilidade que tais processos mentais possam, por si mesmos, causar reações físicas.

Os teósofos reivindicam que tudo o que existe é animado pelo Espírito Universal. A Teosofia afirma que os eventos mentais, psíquicos e espirituais têm uma relação causal com os eventos que os seguem, incluindo os físicos.

Os desenvolvimentos da ciência moderna minaram o materialismo grosseiro da ciência de 1875, ano em que foi fundada a Sociedade Teosófica. Um exemplo marcante do que se pode chamar a ‘desmaterialização’ da ciência é o desenvolvimento da teoria atómica, em que os sucessivos modelos de átomo tiveram de ser abandonados por uma fórmula matemática. O átomo material tornou-se um conceito mental afastado do mundo das coisas de todos os dias.

Materialismo Tecnológico

Se a ciência teórica se afastou do materialismo dogmático, a sua aplicação na tecnologia ainda está largamente centrada em benefícios materiais. Cientistas e tecnólogos, encorajados por interesses comerciais e nacionais, não tomaram em consideração as consequências possíveis. E, mesmo quando os cientistas perceberam os perigos possíveis e avisaram o público, a sociedade continuou a exigir os benefícios e a ignorar as consequências fatais.

Alguns exemplos ilustram a necessidade de algum controlo na aplicação industrial de descobertas científicas: o aumento do dióxido de carbono na atmosfera, resultante da queima de combustíveis fósseis e o correspondente efeito estufa; a utilização de aerossóis em *sprays* e a destruição da camada de ozono, responsabilizável pelo aumento do cancro da pele; os testes nucleares; etc. Estes exemplos ilustram a incapacidade da tecnologia controlada industrial e governamentalmente para tratar a natureza como um todo integrado.

De facto, ao materialismo científico seguiu-se o materialismo tecnológico. A maioria, senão todos, destes desenvolvimentos foi feita para o bem-estar puramente material ou para vantagem de indivíduos (pessoas ou nações) mais do que para o progresso espiritual da humanidade.

O benefício para a humanidade fica em segundo lugar e geralmente baseia-se na ideia de maior conforto pessoal, sendo o conforto físico mais desejado do que o progresso espiritual disciplinado.

Para reequilibrar a ecologia do planeta, antes que o planeta se reequilibre ele mesmo à sua custa, a humanidade pode e tem de aprender a viver de acordo com um Plano Divino assumido e com a ajuda de tecnologia. Para tanto, dois ingredientes essenciais são a Comunicação e o Controlo.

Comunicação

A rádio, a televisão, os satélites e a internet constituem uma parte valiosa de um bom sistema de comunicação, cobrindo todo o mundo, que é essencial se a humanidade, como entidade integrada, quiser ultrapassar o desperdício e a estupidez do mundo industrial moderno, pois permitem a disseminação quase instantânea de notícias através do mundo. Todas as nações deveriam compreender que um obstáculo importante à racionalização dos recursos mundiais é a ignorância, a superstição e a tacanhez de espírito engendradas por atitudes provincianas que não podem ser mudadas sem alterações fundamentais na educação das massas. A atualização científica é muito difícil mesmo num assunto especializado, e isto coloca a questão de saber se a ciência está a avançar muito rapidamente e se a tecnologia está a adiantar-se demasiado depressa.

Tecnologia Controlada

No mundo, não foi feito um esforço real para encontrar o modo como podemos e devemos viver com tecnologia. Queremos os seus benefícios mas não aprendemos como lidar com as suas consequências.

Tem sido usada sobretudo para fins materiais, o que encoraja a cobiça, o egoísmo e o poder político.

A maioria das indústrias baseia-se na ciência, mas esta tornou-se suspeita devido a alguns efeitos maléficos da aplicação industrial de algumas descobertas científicas, mas é a exploração da ciência que cria o perigo real do futuro da humanidade. Quer haja, ou não, um poder no mundo para guiar a ciência, e se um tal poder o tem permitido, o homem tem definitivamente feito descobertas muito para além da sua capacidade para controlar as suas aplicações, como aconteceu com a bomba atómica.

A energia nuclear tornou-se uma necessidade para fins industriais. Então, onde se põe um limite? Todo o desenvolvimento técnico parece ter uma utilização boa e outra má. A tecnologia e a ciência são neutras: é na sua utilização que podem ser boas ou más! A palavra-chave é 'controlo'. Não sendo possível nem, a longo prazo, desejável restringir a descoberta e o conhecimento científico, o homem tem de reexaminar o seu impulso inconsciente para a autodestruição.

Os problemas tecnológicos só podem ser resolvidos pela publicitação e integração bem informada, mundiais, de muitos campos de atividade científicos, sociológicos e técnicos, levando ao controlo que terá de ser quase super-humano. O ponto a reter é que os avanços técnicos benéficos não devem ser rejeitados só por causa das possíveis desvantagens, mas que a sua ampla aplicação deve ser suspensa até que se saiba o suficiente para permitir que a sua aplicação seja empreendida com segurança.

O controlo dos desenvolvimentos e processos tecnológicos só pode ser voluntariamente aceite e implementado se houver publicação dos detalhes e possíveis consequências.

Face aos muitos benefícios da ciência e da tecnologia, não podemos fazer parar a investigação científica nem a sua aplicação técnica, mas podemos fazer alguma coisa para controlar o seu desenvolvimento assegurando que os tecnólogos tomem em consideração as consequências possíveis. Mas, mesmo com tecnologia bem controlada, cada pessoa tem de decidir como viver num mundo dominado pela tecnologia.

Uma Abordagem Espiritual

A crise do mundo moderno é que abandonámos todos os valores tradicionais no interesse do bem-estar físico e da eficiência mecânica. Não temos quaisquer outros valores, apenas pseudo-valores que pretendem ser científicos e que não o são. Perdemos todo o sentido de valores espirituais.

A ciência estuda o ‘como’, não o ‘porquê’. O ocultismo, uma ciência espiritual, visa responder ao ‘porquê’. A tecnologia tem origem no ‘como’ da ciência. O ‘porquê’ da ciência espiritual leva a uma razão e a um guia para o que devemos fazer com a tecnologia.

Consciencializar todo o mundo dos problemas significa mais debate público, mais explicações, mais franqueza. Mas a opinião e a ação têm de ser globais.

A nossa atitude será mais realista se assumirmos um ponto de vista espiritual a longo prazo. A vida numa sociedade industrializada cria tensão. Temos de aprender a lidar com essa tensão e não fugir.

A aplicação dos desenvolvimentos técnicos modernos não deve ser feita para conforto físico como um fim em si mesmo, mas como meio para um fim que pode abranger os objetivos da religião e da filosofia espiritual, assim como da ciência material. As relações humanas abrangem todos os aspetos da consciência.

O mundo deu passos gigantescos em ciência mas ficou para trás em sabedoria.

Os principais benefícios da ciência e da tecnologia devem ser uma revolução cultural, proporcionando melhores condições de vida a todos. Mas o objetivo final é que elas deverão ser encaminhadas para a evolução espiritual do homem como parte integral dum processo cósmico.

A cooperação mundial tem de substituir a competição. Os desenvolvimentos tecnológicos devem ser adotados com cuidado e acompanhados pela divulgação alargada das consequências possíveis. Os indivíduos têm de aceitar o autocontrolo e não continuar a pedir mais e mais, mais carros, mais máquinas, mais lazer, mais de tudo. Autodisciplina é a maior necessidade atualmente; ser menos egoísta, menos exigente, menos amante do conforto pessoal.

Viver com tecnologia como verdadeiros seres humanos deve significar que mantemos os nossos objetivos espirituais e que não deixamos a influência material da tecnologia matar o espírito. ∞

Nota – adaptação retirada de SLATER, V. Wallace, *Living with Technology – The Impact of Science on Society*, in *Science, Yoga and Theosophy*, páginas 34-51, The Theosophical Publishing House, 1977.

A Tecnologia no Mundo Atual – Perspetivas Teosóficas, Seminário Teosófico, 10 e 11 de maio de 2008, S.T.P., Lisboa

Deveríamos ensinar às crianças, acima de tudo, a autoconfiança, o amor por todos os homens, o altruísmo, a caridade mútua e, mais do que qualquer outra coisa, ensinar-lhes a pensar e raciocinar por si mesmas. Reduziríamos o trabalho puramente mecânico da memória a um mínimo absoluto e dedicaríamos todo o tempo ao desenvolvimento e treinamento dos sentidos internos, das faculdades e das capacidades latentes. Empenhar-nos-íamos em lidar com cada criança, como um todo, educando-a de modo a proporcionar o desabrochar mais harmonioso e equilibrado dos seus poderes, para que as suas aptidões especiais pudessem desenvolver-se natural e plenamente. Deveríamos ter como objetivo a criação de homens e mulheres livres – livres intelectualmente, livres moralmente, sem preconceitos de qualquer natureza e, acima de tudo, não egoístas.

In: A Chave para a Teosofia
H. P. Blavatsky

Notícias da S.T.P.

Eleições para os Órgãos Sociais da S.T.P.

No dia 2 de abril de 2016 teve lugar, na sede da S.T.P., em Lisboa, a Assembleia-Geral Ordinária da Sociedade Teosófica de Portugal, na qual se procedeu à eleição dos novos Órgãos Sociais para o triénio 2016-2019, que a seguir se nomeiam:

DIREÇÃO

PRESIDENTE:	Ana Maria Coelho de Sousa
VICE-PRESIDENTE:	Carlos Guerra
TESOUREIRO:	Francisco Simões
SECRETÁRIO:	Henriqueta Monge da Silva
SECRETÁRIO-ADJUNTO:	Rosa Duarte
1.º VOGAL:	Isabel Nobre Santos
2.º VOGAL:	José Almeida
1.º SUPLENTE:	Maria Helena Magalhães
2.º SUPLENTE:	Maria José Caparra

CONSELHO FISCAL

PRESIDENTE:	Manuel Cavaco Nunes
1.º VOGAL:	Paulo Jorge Nunes Alves
2.º VOGAL:	Maria João Figueira
1.º SUPLENTE:	Maria Alida Rodrigues
2.º SUPLENTE:	João Malveiro

MESA DA ASSEMBLEIA-GERAL

PRESIDENTE:	Fernando Coelho de Sousa
VICE-PRESIDENTE:	Maria de Lourdes Simões
SECRETÁRIO:	José António Machado Alves
SECRETÁRIO-ADJUNTO:	Maria João Bandeira

Na mesma data foi dada posse aos novos Órgãos Sociais.

Sessões públicas

Ao longo de maio, junho e julho de 2016, em afável atmosfera de verdadeira partilha, a S.T.P. organizou e levou a cabo as sessões públicas a seguir referidas.

- No dia 8 de maio, teosoficamente conhecido como o Dia do Lótus Branco, no qual se celebra o aniversário da morte de H. P. Blavatsky (1831-1891), Ricardo Lindemann, membro da Sociedade Teosófica no Brasil, proferiu uma palestra subordinada ao tema A Astrologia na Última Ceia de Leonardo da Vinci, na sede da S.T.P., em Lisboa. Através da projeção de imagens ilustrativas, num tom didático marcado por uma comunicação clara e, por vezes, por algum humor, Ricardo Lindemann fez uma leitura/desmontagem da obra A Última Ceia de Leonardo da Vinci, relacionando, por exemplo, os doze apóstolos com os doze signos do Zodíaco, entre outros aspetos simbólicos dessa obra. Sublinhe-se que uma tal leitura/desmontagem se contextualiza num conjunto de outras leituras/desmontagens possíveis, no qual se integra, por exemplo, o livro O Código Da Vinci de Dan Brown. Interpretar uma obra de arte é um desafio que pode proporcionar não só uma certa satisfação intelectual, mas também o surgimento de uma certa sensibilidade muitas vezes referida como 'sensibilidade estética'. Como em tudo, também aqui o equilíbrio é fundamental. A satisfação intelectual transformada em mera especulação, assim como a sensibilidade estética transformada em mera emotividade, podem falsear o mistério e a magia de uma obra de arte. O mistério e a magia de uma obra de arte,

tal como é o caso de A Última Ceia de Leonardo da Vinci, não se descodificam pela especulação, nem pela emotividade. Em tais mistério e magia parece existir algo que sempre persiste em manter-se intocável.

- No dia 21 de maio, também na sede da S.T.P., em Lisboa, Manuel Cavaco Nunes, membro da S.T.P., proferiu uma palestra sobre o tema A Hierarquia Espiritual da Terra. Com recurso à projeção de um PowerPoint constituído não só por imagens ilustrativas, mas também por esquemas explicativos, Manuel Cavaco Nunes abordou uma questão, de forma profundamente convicta e inspiradora, a qual poderíamos designar como 'clássica', no âmbito dos estudos teosóficos – a existência de uma hierarquia que nos acompanha e nos encaminha numa evolução coletiva. Relembre-se que a Teosofia, considerada na sua dimensão doutrinária, nos oferece um conjunto relevante de hipóteses de investigação, sobre as quais vale a pena debruçar-nos, sempre enquadradas por um espírito questionador assente na dimensão prática e regeneradora da própria Teosofia.

- No dia 4 de junho, também na sede da S.T.P., em Lisboa, Rosa Duarte, membro da S.T.P., animou uma sessão pública, na qual integrou uma palestra e a música – o fado, cantado por si e por companheiros seus. Assim, abrangente, a sessão pública reuniu diferentes formas de expressão num mesmo tema: O silêncio, a palavra e a música. Para além da palavra e da música, uma pintura da autoria de Rosa Duarte, juntamente com outros elementos alusivos à tradição do fado, deram cor ao ambiente. Valorizar a expressão pessoal,

nas suas diferentes vertentes, assumida de forma corajosa por Rosa Duarte, é fundamental. Num ambiente despretenso, Rosa Duarte conseguiu criar um ambiente de aproximação entre os participantes. A expressão pessoal ganha um novo fôlego, quando, ao contribuir para a aproximação entre todos, vê diluída a sua dimensão 'pessoal'.

- Foi com grande satisfação que a S.T.P. acolheu o senhor Chittaranjan Satapathy, Vice-Presidente internacional da Sociedade Teosófica. Ana Maria Coelho de Sousa, Secretária-Geral da S.T.P., descreveu a sua passagem por Portugal, no relatório seguinte, enviado para Adyar, para publicação na revista *The Theosophist*:

O Vice-Presidente internacional da Sociedade Teosófica, Chittaranjan Satapathy, esteve em Portugal de 18 a 23 de junho, tendo proferido três palestras com um título comum – Os ensinamentos teosóficos e a mensagem de Krishnamurti. Chegou a Lisboa na tarde do dia 18. No dia 19, alguns membros da S.T.P. juntaram-se ao Vice-Presidente, num almoço em atmosfera afável e descontraída. À tarde, foi proferida a sua primeira palestra, na sede da S.T.P., em Lisboa. A sala estava praticamente repleta de membros e simpatizantes da S.T.P., os quais vivenciaram uma atmosfera de paz, serenidade e elevação. Todos apreciaram o contacto com o Vice-Presidente e as palavras por ele proferidas. Um jantar vegetariano ligeiro foi partilhado na própria sede da S.T.P., o que, segundo as palavras do próprio Vice-Presidente, foi do seu grande agrado. De facto, tratou-se de um convívio verdadeiramente agradável.

No dia 20, viajou até Évora, onde proferiu

a sua segunda palestra, a qual foi igualmente bem acolhida. No dia 21, depois de uma pequena visita pela cidade, aos principais monumentos que dela fizeram Património Mundial, Chittaranjan Satapathy viajou para Lisboa e dali para a cidade do Porto.

Na manhã do dia 22, visitou a cidade do Porto, acompanhado por membros dos Ramos sediados na cidade. Na noite desse mesmo dia, proferiu a sua terceira palestra, tão bem acolhida quanto as duas anteriores.

A Secção Portuguesa expressa ao Vice-Presidente Internacional uma profunda gratidão pela sua presença, pelo interesse que em todos despertou, através das suas palavras, bem como pela sua capacidade de a todos escutar. É vontade nossa voltar a ter a oportunidade da sua visita e da sua presença entre nós, num futuro não muito distante.

- No dia 25 de junho, João Nobre de Carvalho, membro da S.T.P., coordenou uma tertúlia/reflexão partilhada sobre a problemática da Eutanásia. A tertúlia foi conduzida de forma bastante pedagógica, já que foi preocupação de João Nobre de Carvalho promover a participação de todos e a reflexão conjunta. Durante toda a sessão, foi favorecido o debate através da colocação de questões pertinentes, não só sobre a prática da Eutanásia, mas também sobre a sua concretização legislativa. Como seria natural, numa questão tão sensível como o é a Eutanásia, não se chegou a qualquer conclusão definitiva, nem era esse o objetivo da tertúlia.

- No dia 16 de julho, foi encerrado o ciclo de sessões públicas do primeiro quadrimestre de 2016. Isabel Nobre Santos, membro da S.T.P., proferiu uma

palestra subordinada ao tema Astrologia e Autoconhecimento. Ainda que com um fio condutor muito bem delineado, observável na projeção de um PowerPoint constituído por imagens ilustrativas e sínteses clarificadoras, foi através de uma intervenção marcada pela espontaneidade e pelo poder comunicativo que Isabel Nobre Santos fez a abordagem do tema. A abordagem desenvolveu-se numa vertente teórica e também numa vertente prática, na procura de um sentido na Astrologia favorecedor

do autoconhecimento. Foi explorado esse sentido, tendo sido, no entanto, sublinhada a importância de ter uma consciência clara do risco de criar formas condicionantes do verdadeiro autoconhecimento. Relembre-se a frase síntese de Isabel Nobre Santos, usada na divulgação da sua palestra: “A Astrologia vista na perspectiva do autoconhecimento: um código de interpretação e autoexploração, ajudando a ver que ‘O que está em cima é como o que está em baixo’.

Uma jornada de heróis em busca do Ser.” ∞

Carlos Guerra

*Todos veem uma gota
de água no oceano
mas poucos o oceano
numa gota de água*

Kabir

In: O Nome Daquele Que Não Tem Nome

LIBERDADE DE PENSAMENTO

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S.T. a 30 de Dezembro de 1924

Uma vez que a Sociedade Teosófica se espalhou por todo o mundo civilizado e que tem nos seus quadros membros de todas as Religiões, os quais não renunciam às doutrinas peculiares e ensinamentos de suas respectivas crenças – logo que não vão contra o Princípio da Fraternidade Universal sem distinção de qualquer espécie – conclui-se ser desejável acentuar o facto de não haver nenhuma doutrina ou opinião ensinada, que o membro da Sociedade seja obrigado a seguir ou não tenha liberdade de aceitar ou recusar. A aceitação dos seus objetivos é a única condição para tornar-se membro da Sociedade. Nenhum escritor ou instrutor, seja H. P. Blavatsky ou qualquer outro, tem autoridade para impor os seus ensinamentos ou opiniões aos membros. Pode apenas expô-los. Cada membro tem igual direito de aceitar qualquer escola de pensamento da sua preferência, mas não tem o direito de impor aos outros. A ninguém se pode negar o direito de votar ou de ser elegível por causa das opiniões que defenda ou da escola de pensamento a que pertença, logo que o Princípio da Fraternidade seja respeitado, pois as opiniões ou crenças não conferem privilégios, nem acarretam penalidades de qualquer espécie. Os membros do Conselho Geral rogam, encarecidamente, a todos os membros da Sociedade Teosófica, que sustentem, defendam e atuem de acordo com os princípios fundamentais da Sociedade e também exerçam com firmeza o seu direito de liberdade de pensamento e expressão, dentro dos limites de cortesia e delicadeza para com os demais.

INDEPENDÊNCIA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S.T. a 30 de Dezembro de 1950

Embora cooperando com quaisquer outras entidades cujos objetivos possibilitem tal cooperação, a Sociedade Teosófica é e deve permanecer uma Organização inteiramente independente daquelas, sem compromissos com quaisquer objetivos que não os seus e atenta ao desenvolvimento do seu próprio trabalho, dentro das normas mais amplas, de modo a dirigir-se para o fim expresso nos seus Objetivos, que incluem o conceito de Sabedoria Divina contido na expressão «Sociedade Teosófica».

Dado que a Fraternidade Universal e a Sabedoria são insuscetíveis de definições completas, há, individual e coletivamente, total liberdade de pensamento para todos os membros da Sociedade, procurando esta manter sempre o seu caráter único e distinto, sem se identificar com qualquer outra organização.

SOCIEDADE TEOSÓFICA DE PORTUGAL

Rua José Estevão 10 B,
1150-202 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt
geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt
telef.: 213 534 750

Ramos e Grupos de Estudo

- ÉVORA -

Boa Vontade - Maria João Figueira,
mjoaofigueira2009@gmail.com

- LISBOA -

Annie Besant - Carlos Guerra,
carlos.a.g.guerra@gmail.com,
telef.: 266 703 135, 965 741 281

Aquário - António Almeida,
antonioicrpalmeida@gmail.com,
telef.: 218 137 424, 964 786 035

Fraternidade - José António Alves,
isabeljoseantonio@gmail.com

Isis - Maria Lucília Meleiro,
telef.: 217 165 129

Koot-Hoomi - Isabel Nobre Santos,
minobre@yahoo.com

Lotus Branco - (o ramo será reativado,
tão cedo quanto possível)

Maitreya - Maria de Lourdes Simões,
mlourdessimoes@sapo.pt, 965 100 947

- PORTO -

Dharma - Gabriel Pedro Velasques,
Horus - José Almeida

informação comum a ambos os ramos:
1.ª e 3.ª quinta-feira do mês, 21:30,
Praça da República 13, 3.ºB, Porto,
shakti@sapo.pt, 963 408 166

- SÃO MIGUEL, AÇORES -

G. E. Arcanjo Miguel - Lubélia
Travassos, lubtravassos@gmail.com,
telef.: 296 285 266

- SETÚBAL -

G. E. Amor, Verdade e Beleza -
(o grupo de estudos encontra-se em
reativação)

Sociedade Teosófica

Presidente: Mr Tim Boyd • **Vice-Presidente:** Dr Chittaranjan Satapathy • **Secretária:** Ms Marja Artamaa • **Tesoureiro:** Mr K. Narasimha Rao

Sede: Adyar, Chennai (Madras) 600 020, India • www.ts-adyar.org

Órgão Oficial do Presidente: "The Theosophist", fundado por H. P. Blavatsky em 1879

Ano*	Secção	Secretário Geral	Endereço	Revista	Email
1947	Africa, East & Central	Mr Narendra M. Shah	PO Box 14525, 00800-Westlands, Nairobi, Kenya	<i>The Theosophical Light</i>	narendrashahi999@gmail.com
1909	Africa, South	Mr Jack Hartmann	9 Roncan, 38 Princess Ave., Windsor E. 2194	<i>The S. African Theosophist</i>	hartmann.jack.c@gmail.com
1956	Africa, West	Mr John Osmond Boakye	PO Box 720, Accra, Ghana	<i>The W. African Theosophist</i>	tswafrika@gmail.com
1929	America, Central *	Mrs Beatriz Martínéz Pozas	Colonia Univ. Norte, Calle Julio Mejía, Polígono E-7, Mejicanos, San Salvador, El Salvador C. A.		bemapo@hotmail.com
1920	Argentina	Mr Jorge Garcia	Santiago 257 - 2000, Rosario	<i>Teosofia en Argentina Newsletter</i>	stargentina@sociedad-teosofica.com.ar
1990	Asia, East and Southeast †	Mr Chong Sanne	540 Sims Avenue, No. 03-04 Sims Avenue Centre, Singapore 387 603		sanne@theosophyasia.net
1895	Australia	Mrs Linda Oliveira	Level 2, 162 Goulburn St., Surry Hills, NSW 2010	<i>Theosophy in Australia</i>	tsHQ@austheos.org.au
1912	Austria *	Mr Albert Schichl	Oberbaumgarten 25, 4204 Haibach im Muhlkreis	<i>Teosofie Adyar</i>	theosophie.austria@aon.at
2013	Bangladesh †	Mr B. L. Bhattacharya	B/4-3, Iswarchandra Nibas, 68/1, Bagmari Road, Kolkata 700 054		bitbos_2005@yahoo.com
1911	Belgium	Mrs Sabine Van Osta	Place des Gueux 8, B1000 Brussels	<i>Le Lotus Bleu</i>	sabine_van_osta@hotmail.com
1965	Bolivia	Mrs Guillermina Rios de Sandoval	Passage Jauregui No. 2255, La Paz		guillieriossandoval@yahoo.com
1920	Brazil	Mr Marcos L. B. de Resende	SGAS - Quadra 603, No. 20, CEP 70200-630 Brasília (DF)	<i>Sophia</i>	marcos.resende@ricdel.com.br
1924	Canada *	Mrs Maryze DeCoste	3162 Rue de la Bastille Boisbriand QC, J7H 1K7	<i>The Light Bearer</i>	modecoste@hotmail.com
1920	Chile *	Mr Cesar Ortega Ortiz	Casilla 11 Sucursal Paseo Estacion, Estacion Central, Santiago	<i>Revista Teosofica Chilena</i>	sociedadteosoficachile2010@gmail.com
1937	Colombia †	Mrs Nelly Medina de Galvis	Carr 22, # 45B-38 (Cons. 404), Barrio Palermo, Bogotá	<i>Selección Teosofica</i>	nmedinaga@yahoo.es
1997	Costa Rica †	Ms Maria Orlich	Apartado 8-6710-1000, San José		orlichsm@gmail.com
2007	Croacia Δ	Mrs Nada Tepeš	Krajiška Ulica 24, 10000 Zagreb	<i>Teozofija</i>	z.zemlja@gmail.com
1905	Cuba	Ms Barbara A. F. Piña	Apartado de Correos 6365, La Habana 10600		teocuba.sociedad@gmail.com
1987	Dominican Republic †	Mrs Magaly Polanco	Calle Santa Agueda 1652 Les Chalet Col San Juan, Puerto Rico Apartado 23 00926		polancomagaly@yahoo.com
1888	England	Mrs Jenny Baker	50 Gloucester Place, London W1U 8EA	<i>Insight Teosofi</i>	president@theosoc.org.uk
1907	Finland	Mrs Mirva Jaatinen	Teosofinen Seura, Vironkatu 7C2, Fin 00170, Helsinki		info@teosofinenseura.fi
1899	France	Mrs Jeannine (Nano) Leguay	4 Square Rapp. 75007 Paris	<i>Le Lotus Bleu</i>	editionsadyar@wanadoo.fr
1902	Germany	Mrs Manuela Kaulich	Hauptstr. 39, 93138 Lappersdorf	<i>Adyar</i>	theosophie-adyar@gmx.de
1928	Greece	Mr Antonios Papandreou	25 Voukourestiou St., 106 71-Athens	<i>Ilisos</i>	info@theosophicalsociety.gr
1907	Hungary †	Mr Thomas Martinovich	Hunyadi Janos ut 17. II. 8, H-1011 Budapest	<i>Teozofia</i>	tshtutau7@hu.inter.net
1921	Iceland	Mr Halldor Haraldsson	P.O. Box 1257 Ingolfstraeti 22, 121 Reykjavik	<i>Gangleri</i>	iceland.ts@gmail.com
1891	India	Mr S. Sundaram	The Theosophical Society, Varanasi - 221 010	<i>The Indian Theosophist</i>	theosophyvn@gmail.com
1912	Indonesia	Mr Widyatmoko	Dsn. Paralegi no. 21, RT 02/ RW 09, Desa Purwodadi, Kecamatan Purwodadi, 67163 Pasuruan, Jawa Timur	<i>Teosofi</i>	indotheosofi@gmail.com
1949	Ireland *	Mrs Marie Harkness	97 Mountsandel Road, Coleraine, Co. Londonderry, UK BT52 1TA		maricharkness@yahoo.co.uk
1954	Israel Δ	Mr Abraham Oron	PO Box 9114, Ramat-Gan, Israel 5219002	<i>Or</i>	ornet@theosophia.co.il
1902	Italy	Mr Antonio Girardi	Viale Quintino Sella, 83/E, 36100 Vicenza	<i>Rivista Italiana di Teosofia</i>	sti@teosofia.org
1997	Ivory Coast *	Mr Pierre-Magloire Kouahoh	Yopougon, 23 Rue Princesse - B.P. 3924, Abidjan 23	<i>Sophia</i>	pm_kouahoh@hotmail.com
1919	Mexico	Mr Enrique Sanchez	Ignacio Mariscal 126 Col. Tabacalera Mexicana, Mexico, D.F. 06030		sede@sociedadteosofica.mx
1897	Netherlands	Mr Wim Leys	Tolsraat 154, 1074 VM Amsterdam	<i>Teosofia TeoSophia</i>	info@sociedadteosofica.mx
1896	New Zealand	Mr Jhon Vorstermans	18, Belvedere Street, Epsom, Auckland 1051		info@teosofie.nl
1913	Norway *	Dr Saeh Metzger	N-6873-Mariifora		np@theosophy.org.nz
1935	Orlando Δ	Mr Carl Neszger	1606 New York Ave., Orlando, Florida 32803-1838, USA		saleh.noshie@bedriftshelse1.no
1948	Pakistan †		Jamshed Memorial Hall, M. A. Jinnah Road, opp. Radio Pakistan, Karachi	<i>The Karachi Theosophist</i>	bhagwanbharvani@hotmail.com
1924	Peru †	Mr Julio Gerardo Pomar Calderón	Av. Republica de Portugal 152, Breña, Lima 5	<i>Búsqueda</i>	sede-central@sociedadteosoficaenperu.pe
1933	Philippines, The	Mr Rosel Doval-Santos	Corner P. Florentino and Iba Streets, Quezon City, Manila	<i>The Philippine Theosophist</i>	philtheos@gmail.com
1921	Portugal	Mrs Ana Maria Coelho de Sousa	Rua José Estevão, 10 B, 1150-202 Lisboa	<i>Osiris</i>	geral@sociedadteosoficadeportugal.pt
1925	Puerto Rico †	Mrs Magaly Polanco	Apartado 36-1766, 609 Correo General. San Juan, Puerto Rico 00936-1766	<i>Heraldo Teosófico</i>	polancomagaly@yahoo.com
2012	Qatar Δ	Mr Lijo Joseph	Crewing Officer, Teyseer Services Company P.O. Box 2431, Doha		qatarblavatskyldodge@yahoo.com
2013	Russia †	Mr Pavel Malakhov	Molodyozhny pr., 10-221, 650070, Kemerovo		pr@ts-rossia.org
1910	Scotland *	Mr Stuart Trotter	28 Great King Street, Edinburgh, EH3 6QH	<i>Circles</i>	albert.trotter@gmail.com
1992	Slovenia *	Mrs Breda Žagar	Kunaverjeva 1 SLO - 1000 Ljubljana	<i>Teozofska Misel</i>	zagarbreda@gmail.com
1921	Spain	Mrs Angeles Torra Buron	Av. Vall d'Or, 85-87, 08197 - Valldoreix	<i>Sophia</i>	presidencia@sociedadteosofica.es
1926	Sri Lanka †	Mr M. B. Dussanayake	2-C/60, Maththegoda Housing Scheme, Maththegoda	<i>The Sri Lanka Theosophist</i>	mdbassa@gmail.com
1895	Sweden	Mrs Ing-Britt Wiklund	Kalle Posts vag 48, S-702 29 Orebro	<i>Tidlös Visdom</i>	ing-britt@wiklund-orebro.se
1910	Switzerland †	Mrs Eliane Gaillard	17 Chemin de la Côte, CH-1282 Dardagny, Genève	<i>The Lotus</i>	egaillard@bluewin.ch
1997	Togo *	Mr Kouma Daké	S.O., A.R.T.T., BP 76, Adeta		
2007	Ukraine *	Mrs Svetlana Gavrylenko	Office 3, 7-and Zhylianska St., Kiev 01033	<i>Svitoch</i>	org@theosophy.in.ua
1886	USA	Mr Tim Boyd	PO Box 270, Wheaton, IL, 60187-0270	<i>The Quest</i>	admin@theosophical.org
1925	Uruguay *	Mr Ramon Garcia	Javier Barrios Amorin 1085, Casilla de Correos 1553, Montevideo		st.uruguay@gmail.com
1925	Venezuela †	Mrs Nelly Nouel	Av. Macaure Qta. Amore, Mararaquat, Caracas		nellynouel5@gmail.com
1922	Wales *	Mrs Julie Cunningham	Bryn Adda, Brynsiencyn, Llanfairpwll, Anglesey, LL61 6NX UK		theosophywales@yahoo.co.uk

SOCIEDADE TEOSÓFICA

A Sociedade Teosófica foi fundada em Nova Iorque, Estados Unidos da América, a 17 de novembro de 1875.

A sua Sede Internacional foi instalada em Adyar, Chennai (Madras), Índia, em 1882.

OBJETIVOS DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

- 1.º Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.
- 2.º Encorajar o estudo comparado das Religiões, das Filosofias e das Ciências.
- 3.º Investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no Homem.

Conselho da Federação Europeia das Sociedades Nacionais

The Council of the European Federation of National Societies

Presidente: Trần-Thi-Kim-Diêu

67 Rue des Pommiers

F-45000 Orleans, France

trankimdieu@msn.com

Federação Teosófica Inter-Americana

Inter-American Theosophical Federation

Presidente: Mrs Isis M. B. Resende

SGAS 603 conj. E s/n. Brasília-DF, CEP 70200-630 - Brasil

imbresende@gmail.com

Federação Teosófica Indo-Pacífico

Indo-Pacific Theosophical Federation

Presidente: John Vorstermans

60B Riro Street, Point Chevalier

Auckland 1022, New Zealand

john@theosophy.org.nz

Federação Teosófica Pan-Africana

Pan-African Theosophical Federation

Presidente: Jack Hartmann

9 Ronean, 38 Princess Avenue, Windsor E 2194, South Africa

hartmann.jack.c@gmail.com